A reportagem multimídia *Pelo menos um* traz, de forma inovadora, um conteúdo exclusivo para a internet. Foi produzido um webdocumentário, dividido em três episódios, que narra a vida dos meninos de Caruaru. Além de infográficos interativos, foi criado também um livro virtual com os textos escritos pelas crianças, há dez anos.

especiais.ne10.uol.com.br/pelomenosum

Os meninos do Brasil

Texto: **Ciara Carvalho**

Fotos: **Hélia Scheppa**

Eles cresceram longe do Brasil do futuro. No início da Era Lula, engrossavam a legião de meninos e meninas que perambulavam pelas ruas de Caruaru, no Agreste de Pernambuco. Fizeram parte do exército de garotos assistidos por uma das centenas de ONGs, que desenhavam, na época, a promessa de um amanhã melhor que o ontem. Dez anos depois, o **Jornal do Commercio** faz o caminho de volta para revelar a saga de uma geração esquecida. Aprisionada no mesmo ciclo de exclusão e violência do Brasil do passado. Muitos foram mortos, outros tantos estão trancafiados. Quase todos fora da escola. São filhos de uma desigualdade entranhada, ignorados por uma pujança que quanto mais se engrandece, mais segrega. Neste caderno especial, as contradições extremas de dois países inconciliáveis. O que virou gigante lá fora e o que teima em negar dias melhores para as suas crianças.

Expediente

Diretor de Redação **Ivanildo Sampaio**
Diretor-Adjunto de Redação **Laurindo Ferreira**
Editora-Executiva **Maria Luiza Borges**
Concepção, reportagem e edição **Ciara Carvalho**
Concepção Gráfica **Karla Tenório**
Fotografia **Hélia Scheppa**
Editor de Cidades **André Galvão**
Editor de Artes **Bruno Falcone Stamford**
Edição de Fotografia **Arnaldo Carvalho**
Tratamento de Imagem **Cláudio Coutinho**
Revisão **André Galvão, Ricardo Novelino e Betânia Santana**
Revisão ortográfica **Rita Kramer**
Motorista **Kennedy Anderson**

jornal do commercio
Recife | **7 de julho de 2013** | Domingo

Invisíveis até quando?

Quem olha os números que fotografam o Brasil próspero, dos últimos dez anos, não enxerga os meninos de Caruaru. Vê um País que se agiganta, que comemora saltos na economia e avanços sociais. Em 2011, o Brasil conseguiu a façanha inédita de ultrapassar o Reino Unido e virar a sexta economia mundial. Embora tenha permanecido no posto por apenas 12 meses, é inegável o crescimento experimentado na última década. Estamos vencendo o nosso complexo de vira-latas, mas as estatísticas promissoras são um pedaço da história. A vida dos meninos que cresceram sem amanhã é o outro lado. O lado dos que continuam à margem, filhos do atraso do Brasil desigual. Sobre a realidade desse mundo, as estatísticas mais escondem do que revelam.

Os meninos de Caruaru são os meninos do Brasil. Poderiam ter saído de qualquer canto deste País excluído. Mas nasceram no Agreste de Pernambuco, a 140 quilômetros do Recife, numa das cidades-polo de desenvolvimento do Estado. Município com mais de 300 mil habitantes que abriga riquezas e mazelas semelhantes às das grandes capitais. Cresceram, a maioria deles, no Morro do Bom Jesus, lugar onde a violência e a miséria ainda se escondem. Poderiam ter passado anos de suas vidas catando esperança em uma das milhares de organizações não governamentais que cuidam de meninos e meninas que, como eles, foram jogados nas ruas. Mas foram acolhidos na ONG Comunidade Menores de Rua, que mais tarde passou a se chamar Centro de Educação Popular Comunidade Viva, ou simplesmente Comviva. Os dias inocentes e cheios de possibilidades vividos na instituição no ano de 2003 foram o ponto de partida deste especial. Voltamos dez anos no tempo para resgatar histórias de vida e entender como e por que uma geração inteira seguiu uma trajetória de exclusão, violência, prisão e morte. Reencontrar o passado não apenas como um canto de lamento, mas com o olhar voltado para adiante. Movidos pelo incômodo de investigar respostas para uma pergunta urgente. Até quando?

De porta em porta, das casas ou do presídio, a vida impressa por eles mesmos ou por parentes que guardam, em fotografias, músicas e saudades, a memória de suas crias

Arrumar é achar a melhor forma. De contar, de documentar, de compreender o que a gente esquece de ver quando deixa de acompanhar o passar dos anos. Arrumar a melhor forma de contar a história desses meninos é, antes de tudo, se deparar com o inaceitável. É constatar que o País avançou sem conseguir garantir a mínima educação de qualidade para a construção de uma nação mais justa e menos desumana. O caminho de volta revelou o absurdo. Do universo investigado, somente dois jovens conseguiram concluir o ensino médio. Apenas um menino e uma menina terminaram os estudos. Todos os outros foram se afastando, se afastando, até largar completamente a escola, sem sequer concluir o ensino fundamental. Alguns permanecem analfabetos até hoje. De tudo o que se viu e ouviu, é o que mais revolta. Pela impossibilidade que gera. Mina a capacidade de romper o estabelecido. A história se repete onde deveria estar sendo reescrita.

Os meninos do Comviva cresceram na Era Lula, são contemporâneos, e alguns até beneficiários, do maior programa de transferência de renda do País, o Bolsa Família, nascido no mesmo 2003 que serviu de referência para esta reportagem. O especial começou a ganhar vida em novembro do ano passado. O primeiro contato feito com um dos meninos, justamente o único entre os homens que conseguiu terminar os estudos, assustou, surpreendeu, revelou o tamanho do desafio que seria recuperar um pedaço da história do País, a partir dos relatos de perdas, conquistas, ausências e desistências dos meninos de Caruaru.

Nome a nome, foram relacionados 40 garotos e garotas da turma de 2003 do Comviva. De porta em porta, seja das casas ou do presídio, resgatamos a história de 25 meninos e meninas, compartilhada por eles mesmos ou pelos parentes que guardam, em fotografias, músicas e saudades, as memórias de suas crias. Dores, frustrações e pequenas alegrias vividas nos últimos dez anos iam sendo confidenciadas, na maioria das vezes, acompanhadas de lágrimas e arrependimentos. Foram oito meses de idas e vindas. De encontros e reencontros. Deu tempo de Aparecida descobrir-se grávida do quarto filho e dar à luz Davi. Deu tempo de Jaqueline se ver obrigada a abandonar o sonho de construir sua casa no quintal da casa da mãe. Deu tempo de Socorro mandar fazer o pôster, que ela tanto queria, do filho assassinado aos 14 anos, numa crueldade impossível de perdoar.

Os meninos de Caruaru são os meninos do Brasil também quando se olha para frente. Não mais como espelho, porta-vozes, símbolo de uma geração excluída. Mas como sementes. Agora são os filhos dessa juventude esquecida que fazem o País de novo confrontar passado e futuro. Erramos com uma geração inteira de meninos e meninas. Que amanhã desenharemos para a geração seguinte? Os filhos dos filhos carregam a esperança de tudo o que os pais poderiam ter sido e não foram. Mas representarão, de fato, o Brasil do futuro? Terão acesso à cidadania plena que foi negada a seus pais? Por tudo o que se viu e ouviu, não há outro caminho. Só se transforma um país pelos braços da educação. A história dos próximos dez anos começa a ser escrita hoje. Construir um novo enredo para os novos meninos de Caruaru é o desafio do Brasil de agora.

BOAS LEMBRANÇAS
Fotografia da formatura do curso de panificação, feito pelos meninos em 2003

Eles não usam ~~black-tie~~

CIARA CARVALHO passou oito meses, entre encontros e reencontros, descobrindo as histórias dos meninos de Caruaru

"Quem vive muitas vidas morre muitas mortes", disse um dia o genial Oscar Wilde. E o que dizer de quem já nasceu condenado, excluído, segmentado, maldizendo o sol de cada dia e a solidão da noite escura, onde nem a lua é boa companhia? Como avaliar quem teve como legado a fome e o abandono, que vai se abrigar nos braços de uma ONG impessoal e desconhecida, que deve ser, ao mesmo tempo, o pai e a mãe, o sono e o leito, a redenção e a esperança? Meninos, caros meninos, de vidas tão curtas quanto foram os sonhos da infância, esse caderno é todo dedicado a vós, uma expiação de culpa de toda a nossa desigual sociedade, porque desde os primórdios da história estava escrito que poucos de vocês teriam direito a uma "noite de gravata preta". Esse caderno é dedicado aos que ficaram pelo caminho, como também é uma prece àqueles resistentes que conseguiram sobreviver: estropiados, amputados, com a alma calcinada e o corpo envelhecido, com tão pouco credo para tão grande medo: das ruas, do mundo, do amanhã.

Tudo começou há 10 anos. Tudo começou com a Era Lula, quando um operário chegou à Presidência da República e semeou a esperança de que a nossa nação estava escrevendo um novo capítulo na história da humanidade. No Agreste de Pernambuco, na cidade de Caruaru, lá estava a ONG Comunidade Menores de Rua, ou simplesmente Comviva. Ela tinha a nobre tarefa de recolher menores em situação de quase abandono, de dar-lhes a oportunidade de estudar e crescer, de construírem eles próprios sua historia e seu destino. Que se insira nessa história longa e triste a figura do jovem estudante alemão Manuel Erbenich – que no seu trabalho social e voluntário descobriu o submundo de miséria que circundava o "País de Caruaru". E que ajudou na consolidação do Comviva, que sobrevivia graças à ajuda do povo alemão.

Hoje, 10 anos depois daqueles primeiros contatos entre Erbenich e o Comviva, o jovem e esperançoso alemão transformou-se num experimentado jornalista e no doloroso reencontro não viu mais os rostos de Hélio, Alexsandro, Amanda e Givanilsom, de Daniel e Diego, de Gilvan e Gleidson: todos eles estão mortos, o mais novo ao completar 14 anos, o mais velho com apenas 25. Os sobreviventes são poucos – e quase nada têm a comemorar. Apenas um, somente um, poderia ser apontado como vencedor, nessa maratona travada entre a miséria e a glória.

O que aconteceu de errado ao longo do processo? Por que o projeto de alfabetizar, profissionalizar, educar e cuidar desses jovens deu errado? Onde as agruras da vida real foram mais fortes do que a utopia de distribuir o bem comum? Muitos dos meninos inocentes de uma década atrás foram cooptados pelas drogas, as meninas se tornaram mães antes dos 15 anos – quase todas de filhos sem pai e igualmente sem futuro e esperança. É esse o País de amanhã? É esse o futuro que aguarda uma grande, uma imensa leva de jovens que deveriam refletir o futuro da nação?

Pois bem, caros leitores, essa longa e dolorosa história que se encontrava escondida nos desvãos mais profundos de nosso cotidiano é contada, passo a passo e ano a ano, pelo inigualável trabalho de investigação e apuração realizado pela repórter especial Ciara Carvalho, tantas vezes premiada pela visão crítica e contundente das contradições e misérias desse nosso vasto mundo. Ciara fez dezenas de viagens ao interior de Pernambuco, ouviu ascendentes e descendentes dos atores desse drama triste, comungou com cada um o fel e a palha da condição humana. E cumpriu consternada a sua missão. Seu trabalho é ilustrado pelas fotos quase artísticas de Hélia Scheppa, não revelassem elas rostos muitas vezes tristes, corpos quase sempre mutilados, casas modestas, chãos de terra batida, mágoa, dor, desengano. O projeto gráfico é de Karla Tenório, outro grande talento na criação e valoração de cada texto e de cada ilustração.

IVANILDO SAMPAIO é diretor de redação e escreve com a tinta da alma. "Meninos, caros meninos, de vidas tão curtas quanto foram os sonhos da infância, esse caderno é todo dedicado a vós"

Eles estão mortos

Cheios de um futuro que só existiu na promessa, muitos jovens terminaram assassinados. Não conseguiram interromper o ciclo de violência iniciado nas ruas nos tempos de criança

SAUDADE Diana era a irmã preferida de Daniel. "Ele vivia como se não tivesse amanhã."

DANIEL foi enterrado no Dia da Proclamação da República. Um adeus quase solitário

HÉLIO

Hélio dos Santos nasceu em 1985 e morreu em 2005, com 20 anos.

Família
A mãe teve nove filhos. Era uma das crianças do Comviva com as condições de vida mais precárias. Os irmãos viviam nus, descalços e não estudavam. Hoje os irmãos continuam fora da escola.

Comviva
Ele começou a se envolver com assaltos ainda nos tempos da entidade. Chegou a ser preso e foi solto com a ajuda da coordenação do Comviva.

Motivo da morte
O corpo foi encontrado em um canavial, com sinais de execução. A família acredita que ele tenha sido morto por policiais.

ALEXSANDRO

Alexsandro Rodrigues da Silva nasceu em 1986 e morreu em 2006, com 20 anos.

Família
Ele e as duas irmãs foram criados sozinhos pela mãe, por quem ele tinha verdadeira adoração. Nunca falava do pai com os amigos.

Comviva
Era um dos educandos mais promissores da entidade. Chegou a viajar para Brasília, a única vez que andou de avião na vida, para representar o Estado num encontro de jovens. Virou educador no Comviva e instrutor de capoeira.

Motivo da morte
Foi assassinado com dois tiros no peito. O mandante do crime confessou que encomendou a morte de Alex por inveja. Ele foi preso, mas já está está solto. O autor dos disparos também foi morto. Alex deixou uma filha pequena.

AMANDA

Amanda Saionara da Silva Nunes nasceu em 1990 e morreu em 2006. Tinha 16 anos.

Família
O pai morreu assassinado a facadas no ano passado. De acordo com a ficha de Amanda na entidade, alguns parentes dela eram viciados em drogas.

Comviva
Era uma das educandas mais tranquilas. Participava das atividades e gostava de estudar. Chegou a cursar até a 4ª série. Na época da entidade, vivia pedindo esmolas na rua, mas não era usuária de drogas.

Motivo da morte
Amanda estava na traseira de um caminhão Toyota, quando caiu do carro na BR-101, em Caruaru. Ela voltava de um show de uma dupla sertaneja. A adolescente morreu na hora.

GIVANILSON

Givanilson Espíndola da Silva nasceu em 1985 e morreu em 2004, aos 19 anos.

Família
O pai tinha duas famílias e era alcoólatra. Além dele, outros dois irmãos também participaram das atividades na ONG.

Comviva
Tinha comportamento muito agressivo e chegou a ser suspenso algumas vezes na escola por agredir professores. Na entidade, ainda participou de atividades na horta e na vassouraria, mas sempre apresentando problemas de relacionamento.

Motivo da morte
Foi assassinado com vários tiros. Tinha fama de matador. Era acusado de já ter praticado mais de 10 homicídios.

DANIEL

Daniel Bruno de Araújo nasceu em 1986 e morreu em 2011, com 25 anos.

Família
Ele e os irmãos foram abandonados pela mãe ainda pequenos. Não chegou a conhecer o pai. As crianças foram criadas pelos avós.

Comviva
Era um dos mais inteligentes e animados da turma. Fazia muito sucesso com as meninas e comandava todas as rodas de pagode. Participava de palestras e encontros de jovens.

Motivo da morte
Foi morto com golpes de faca-peixeira, tentando defender um amigo, durante uma briga numa festa.

DIEGO

Diego morreu em 2004, aos 16 anos.

Família
Foi abandonado pela mãe quando nasceu. Ele foi adotado ainda no berço por uma mulher que o criou sozinho. Só estudou até a 4ª série.

Comviva
No início, tinha um comportamento tranquilo, era participativo, mas depois começou a se envolver com drogas e terminou saindo da entidade. Chegou a participar dos projetos da horta e da vassouraria na instituição.

Motivo da morte
Foi assassinado com seis tiros, no bairro Centenário. O autor dos disparos foi um jovem com quem ele havia discutido.

GILVAN

Gilvan Espíndola da Silva nasceu em 1983 e morreu em 2006, com 23 anos

Família
Ele entrou na entidade acompanhado de dois irmãos, Givanilson, que morreu assassinado, e Ednaldo, que também já faleceu, vítima do vírus HIV. O pai era alcoólatra.

Comviva
Gilvan era um garoto tranquilo e participava das atividades sem causar problemas. Fez parte do grupo da vassouraria e da horta. Tinha o temperamento mais reservado.

Motivo da morte
Foi morto numa briga, com um soco no pescoço que atingiu uma veia. Gilvan morreu na hora.

GLEIDISON

Gleidison Felipe Soares nasceu em 1993 e morreu em 2007, com 14 anos.

Família
Ele e dois irmãos, Glaucio e Gleice, participaram da ONG. Os dois estão presos. A mãe de Gleidison, Socorro, é alcoólatra e até hoje não superou a morte do filho. Depois de anos, ela conseguiu fazer o pôster com o retrato do garoto e o pendurou na parede da sala.

Comviva
Ele era um menino participativo e gostava de estudar. Era muito querido pelos colegas.

Motivo da morte
Foi morto a tiros por traficantes, apesar de não ter envolvimento com o crime. Foi uma das mortes que mais causou comoção.

Tudo em volta é silêncio. Um silêncio incômodo e perturbador. O vazio imposto a uma geração inteira. Vozes caladas, frases que não mais serão ditas. Não deu tempo para o arrependimento, o pedido de perdão, a chance do recomeço. Faltou o dia seguinte, o "eu te amo", apesar de tudo. Os meninos que aqui estão não podem lamentar, dez anos depois, o que poderiam ter sido e não foram. Eles não mais estão, se foram. Todos assassinados. Morte matada. De faca, de tiro, de omissão, de negligência mesmo. Eram todos muito jovens, com seus mal vividos 14, 16, 20 anos. Cheios de um futuro que só existiu na promessa. Condenados por uma realidade que, lá atrás, naqueles dias esperançosos, jurava-se que ia ser diferente.

Foi no silêncio da madrugada que Diana de Araújo recebeu a pior notícia da sua vida. O telefone tocou e, do outro lado da linha, uma voz fria e sem rodeios tirou-lhe o chão.

– Seu irmão está morto. O corpo está sendo enterrado sem identificação. Venha logo.

Fazia exatos 12 dias que Diana tinha visto Daniel pela última vez.

Avistou de longe o irmão, rapaz moreno, 1,85 m de altura, olhos castanho-claros, quase esverdeados, dava gosto de ver. Ele carregava nas mãos uma casa de gesso, que tinha feito para as suas "negas", como costumava chamar as duas filhas de Diana. Os dois irmãos estavam brigados. Diana não aceitava a vida de farra, cachaça e cigarro de Daniel. "Ele vivia como se não tivesse amanhã." De outras vezes, já tinha botado o rapaz de casa para fora. Coração mole, bastou ele chegar que a raiva já tinha passado. Aqueles foram dias de alegria. Diana sempre foi a irmã preferida de Daniel. Na despedida, ela parecia que estava adivinhando.

– Tem cuidado na vida. Volta para casa. Teu lugar é aqui.

– Dentro de 15 dias eu tô de volta.

Voltou antes. Um dia antes. Dentro de um caixão, agora com identificação. Daniel Bruno de Araújo, nascido no dia 6 de janeiro de 1986, morto no dia 14 de novembro de 2011. Filho de Manoel Messias da Silva e de Edite Maria de Araújo Silva.

Foi no barulho da madrugada que Daniel perdeu a vida. Estava numa festa quando a confusão começou. "O corpo foi encontrado às 2h30, na Rua do Mercado, zona rural de Tamandaré (Litoral Sul de Pernambuco). A vítima, após tentar defender um amigo em uma briga, foi lesionada com um golpe de faca-peixeira. A mesma foi socorrida, mas chegou sem vida ao Hospital de Barreiros." O boletim de ocorrência descrevia, em escassas linhas, a covardia da morte. O corpo de Daniel foi enterrado no Dia da Proclamação da República. Por causa do feriado, não deu tempo de avisar aos amigos. Foi um adeus quase solitário.

Das mortes dos meninos do Comviva, a de Daniel foi uma das mais difíceis de entender e aceitar. Era um rapaz inteligente, esperto, se dava bem com as meninas, até uma orientadora de outra ONG ficou caidinha por ele. Não foi longe nos estudos, é verdade. Parou na 4ª série. Não queria compromisso com a vida, trabalho com carteira assinada, essas coisas de que a irmã tanto reclamava. Mas tinha o dom da oratória. Nos tempos do Comviva, era um dos que mais se destacavam nas apresentações. Participava de encontros de jovens em outras cidades. Palestrava sobre os riscos das drogas. Falava e todo mundo parava para ouvir. Era, na linguagem de hoje, o cara.

Quando, em 2005, Hélio dos Santos apareceu morto, dentro de uma tubulação no meio do canavial, com as mãos presas para trás e a camisa amarrada no pescoço, não houve grande comoção. Todos pareciam dizer: esse só procurava desgraça, cavou a própria morte. Até hoje, a família conta, de ouvir falar, que ele foi assassinado por policiais à paisana. Fazia uns meses, tinha se mudado para a zona rural de São Joaquim do Monte, depois de ter sido jurado de morte em Caruaru, onde havia se envolvido em assaltos. Hélio estava bebendo num bar, quando três homens chegaram procurando por ele, com uma foto na mão. Naquele dia, completava 20 anos. O rapaz disfarçou, se escondeu por trás do boné, mas não escapou. Foi arrastado do local e encontrado morto, com vários tiros, muitos dias depois.

> "Seu irmão está morto. O corpo está sendo enterrado sem identificação. Venha logo."

– O corpo já estava catingando. Os bichos comendo os olhos dele.

Elis Regina Mariano, 40 anos, mãe de Hélio, descreve a situação do filho, jogado no canavial, com extrema resignação. Foi perdendo o primogênito aos poucos. Acostumou-se à ausência. Fazia meses que não tinha notícias dele. O rapaz não aparecia mais em casa. "Quando fui vê-lo já foi morto." A mãe conta que o filho começou a se envolver com coisas erradas ainda na época em que frequentava a ONG. "Perdeu o emprego na padaria que tinha na comunidade e nunca mais se endireitou na vida." Elis Regina confessa, sem cerimônia, que não teve nem tempo para chorar a perda. Tem uma neta e outros oito filhos para dar conta. Um deles, Leandro, 19 anos, também ex-educando do Comviva, estava preso, quando a reportagem esteve em sua casa. A mãe prefere o filho na cadeia a vê-lo na rua. "Lá, ele está gordo, bonito. Aqui fora, estava fumando crack, acabando com as minhas coisas. Até perfume meu da Natura ele roubou para trocar por pedra."

No barraco, fincado numa das escadarias do Morro do Bom Jesus, mal cabem todas as crianças. Elas dormem no chão, em velhos colchões de espuma sem forro espalhados pelos dois cômodos da casa, umas em cima das outras. Este ano, nenhuma estava na escola. Não haviam sequer sido matriculadas. "Nenhum dos meus filhos gosta de estudar. Puxaram a mim. Só fui até a 3ª série", justifica Elis Regina, como se analfabetismo fosse hereditário. Ela não sabe ler nem escrever. Assina apenas o nome.

– E pro futuro deles, sem estudo?

– Sei lá. Vai acontecer o mesmo o que aconteceu com os outros.

Enquanto fala do amanhã dos filhos, Elis Regina segura todo o tempo a neta no colo. Ela não percebe, mas a menina está com soluço, com a fralda encharcada de xixi. Quando finalmente se dá conta, tira a fralda suja e joga num canto da sala, onde outras já se acumulam. O cheiro de lixo e urina impregna todo o barraco.

– Preciso arrumar esse cabaré.

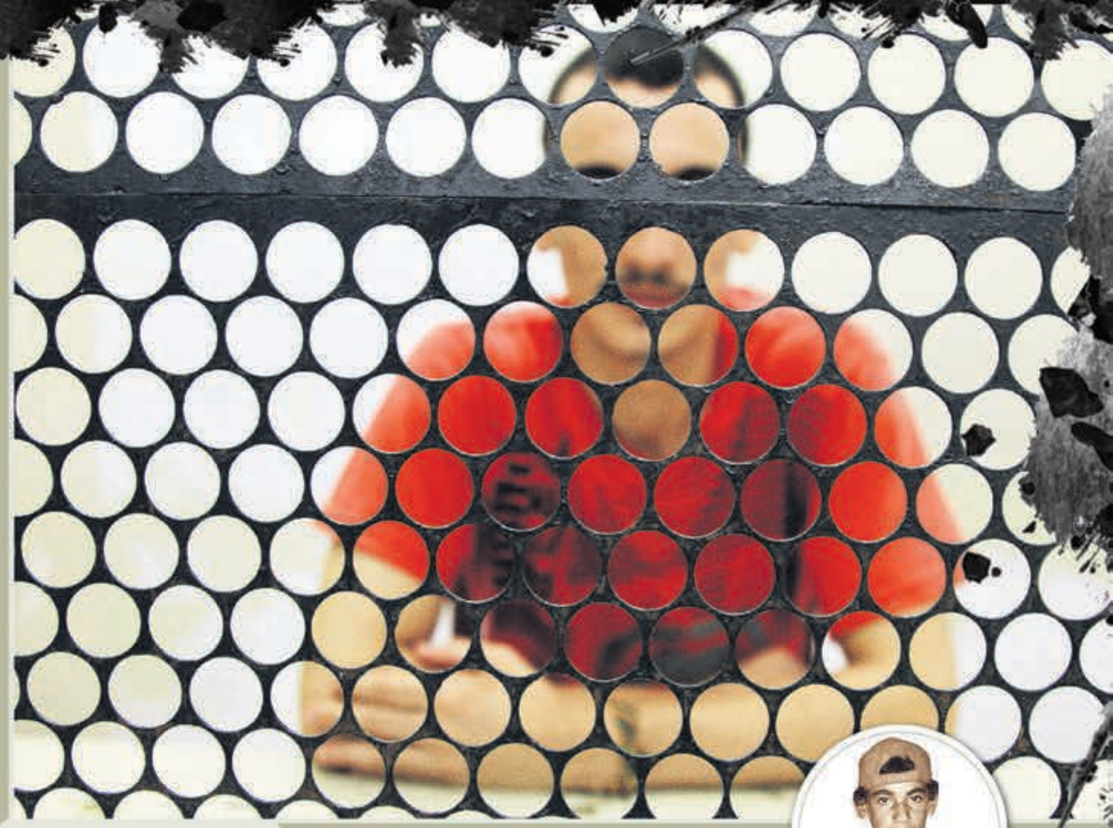
HÉLIO foi arrastado para a morte no dia em que completava 20 anos. Depois, o corpo apareceu no canavial

MÃE E FILHOS Nenhuma das crianças está na escola. "Eles puxaram a mim. Não gostam de estudar."

O carimbo que aprisiona

A entrada no mundo do crime se deu, sobretudo, pelas drogas. Primeiro usando, depois vendendo. Quando se via, eles já estavam assaltando. A pecha de presidiário é a que mais dói. Tira as forças

JOSÉ AMARO tem um grande amor o esperando lá fora. "Dia desse, ela me escreveu. Quer ver a carta?"



BIRITA foi esquecido pela família na cadeia. É como se ele não existisse

Cleberson tinha 15 anos quando a morte atravessou o seu caminho. E lhe tirou o prumo. Desde que se entende por gente, sempre foi louco pela irmã. Era Deus no céu e Rubiana na terra. Quando a garota, de 17 anos, foi morta com uma facada certeira no peito, ele não aguentou. Briga de meninas. Uma segurou e a outra cravou com raiva. De lá para cá, Cleberson Serafim da Silva, 23 anos, virou a cabeça. Foi só cadeia, cadeia, cadeia. Caiu no presídio em 2007, voltou em 2008. Fugiu. Caiu de novo em 2009.

Lá dentro, nem adianta procurá-lo pelo nome. Todos só o conhecem por Buda. Carrega o apelido desde menino, antes mesmo de começar a frequentar o Comviva, aos 8 anos. Eram tempos felizes, de brincadeiras e esperanças. Ficou na ONG até os 15, justamente quando a morte lhe roubou a inocência e lhe apresentou a revolta. Não demorou muito, tinha se embrenhado no mundo do crime. Cleberson é um rapaz de olhar triste. Não é que ele não sorri. Ele até sorri, mas, faz tempo, diz que a felicidade deixou de lhe fazer companhia.

– Onde se esconde a alegria? Hoje esse é um lugar que eu não conheço.

A revolta, no entanto, continua seguindo ao seu lado. Nas contas de Cleberson, ele não deveria mais estar preso. Foi acusado de assalto. Condenado a oito anos de prisão. Era para ficar no presídio um ano e quatro meses (faz as contas considerando o tempo em que teria direito à progressão de regime). Já vai tirando mais de quatro anos de cadeia. "Eu tô tentando ficar sossegado, mas a Justiça fica segurando a pessoa na prisão. Essa justiça dos homens só leva o cara para trás." A conversa vai e volta, conta dos filhos, do desejo de trabalhar, de mudar o rumo da vida, mas é quando fala, de novo, da irmã que a tristeza inunda o olhar de Cleberson.

– Tenho muita saudade dela. Nunca passou nem nunca vai passar.

O jovem tem uma explicação muito objetiva para ainda estar preso. Não ter um advogado. Se tivesse, tem certeza, já estaria em liberdade.

Não ter dinheiro para pagar a um profissional que lhes defenda é uma realidade comum aos meninos que, há dez anos, passaram pelo Comviva e hoje estão atrás das grades. Dos sete ex-alunos com quem a reportagem do JC conversou, em março deste ano, no Presídio Juiz Plácido de Souza, em Caruaru, nenhum tinha, na ocasião, um advogado contratado para acompanhar o processo. No máximo, um ou outro conseguiu um defensor público. Ednaldo dos Santos, 22 anos, foi esquecido até pela família.

– Não procuram saber nem se eu estou vivo ou morto. É como se eu não existisse.

Em um ano e cinco meses de cadeia, recebeu uma vez a visita da mãe e duas vezes a do padrasto. A filha, de 7 meses, ele só viu em fotografia. A mesma relação travada com o pai. Tudo o que Ednaldo conhece do rosto do homem que lhe gerou é uma velha foto preto e branco, que ele descobriu em casa, tinha uns 7 a 8 anos. Nunca falou com o pai na vida. O fato de ter sido abandonado, ele já pensou muito sobre isso, não o influenciou no caminho errado. Achou melhor chegar a essa conclusão. Pelo menos o ajuda a ter um pouco de paz. "Eu entrei porque eu quis."

Nascido no Morro do Bom Jesus, foi lá que ganhou o apelido de Birita, depois de uma cachaça que tomou, ainda menino. Pegou gosto pelo álcool. Diz que entrou para o crime pela porta da droga. Primeiro, a maconha, mais tarde, o crack. Começou usando, depois vendendo e, quando viu, estava assaltando. A casa que construiu foi erguida com o dinheiro do tráfico. Quando olha para trás, não tem dúvida de que os seus melhores anos foram vividos no Comviva. Conheceu a praia, o shopping, fez amigos. Só estudou no tempo em que frequentou a ONG. Ednaldo lembra até hoje a surra que levou da mãe quando foi expulso da escola. "Foi quando eu resolvi sair de casa." Nesses anos todos, a única coisa que realmente aprendeu foi a não temer a morte.

– Na vida do crime, tem sempre uma cruzeta, um olho grande esperando você virar a esquina. A gente se acostuma. Já levei tiro, quase morri, é uma vida sem amanhã mesmo.

A relação com a morte, a violência e, por consequência, a prisão é algo que esses meninos descobrem tão cedo que se chega a achar que é natural a vida seguir esse rumo. Sina deixada de pai para filho, de irmão para irmão.

– Parece que a cadeia dele passou para mim, feito uma doença contagiosa.

É assim, como uma herança maldita de família, que Josenildo José da Silva Souza, 22 anos, tenta explicar, ou antes entender, como foi parar tão jovem no presídio. Mal tinha completado os 18 anos e já estava fichado. Dez anos de reclusão, condenado por assalto. Seguiu os passos do irmão mais velho. Joseildo da Silva Souza já tinha tirado "duas cadeias", quando foi assassinado com seis tiros na cabeça, aos 22 anos. "Meu irmão era ladrão, eu não vou mentir. Mas ele só queria o meu bem." Os dois passaram pelo Comviva. Joseildo saiu antes. Bem ou mal, foi a referência masculina para o irmão. O pai morreu cedo. Era alcoólatra. Numa das bebedeiras, dormiu na rua e um carro passou por cima da cabeça dele. A casa onde os irmãos moravam foi comprada com o dinheiro da indenização paga por causa do atropelamento.

Josenildo prefere não ficar vasculhando o passado. De quase tudo o que lembra, quase nada o conforta. "Minha vida foi toda troncha." Mas recorda bem o dia do seu julgamento, quando recebeu a sentença de condenação.

– O defensor público ficava rindo o tempo todo. Não sei o que ele achava tão engraçado. Só sei que, no final, peguei 10 anos e nem sei se saio daqui vivo.

A pecha de ex-presidiário é a que mais dói. O carimbo lhe tira as forças. Faz tudo ficar mais difícil. "É como se fosse uma mancha gravada no meu corpo. Para onde eu for, vou carregar isso comigo. Vou ser sempre julgado e condenado por ter passado pela prisão." Apesar da pouca idade, Josenildo desistiu de fazer planos. Perda de tempo, ele garante. "Todos os que eu fiz deram errado. Agora vai ser como Deus ou o diabo quiserem."

Não é que a vida tenha sido mais gentil para José Amaro da Costa, 27 anos. Só que ele se nega a entregar os pontos. Quando fala de todas as perdas que viveu, e elas foram muitas, sai com uma frase que parece justificar os bons e maus bocados por que já passou na vida.

– O homem é o momento.

– O que isso quer dizer exatamente?

– Que você pode cair em desgraça por uma besteira qualquer, mas também pode achar a felicidade onde menos espera. Eu ainda tenho esperança de encontrá-la.

Por isso mesmo, depois de contar das surras que levava do pai (o que o fez ganhar o caminho da rua), da fome que passou, de quase ter desaparecido de tão magro por causa do crack (a cintura era 44, ficou 38), do sofrimento com a morte da mãe, ele finalmente esboça um sorriso cúmplice e entrega o jogo.

– Tenho um grande amor lá fora. Morei com cinco mulheres, mas com ela é para sempre. Dia desse, ela me escreveu. Quer ver a carta?

O grande amor, o que é para sempre, se chama Valdomira, mas para José Amaro é só Miroca. A eleita está presa como ele. Escreveu a carta da cadeia, onde cumpre pena por tráfico de drogas. Miroca, o amor da vida inteira, tatuou o nome dele na virilha dela. Ele mandou um CD de MP3 com as músicas de que ela gostava. Ela adorou. Não imaginava que ainda lembrasse do gosto musical dela.

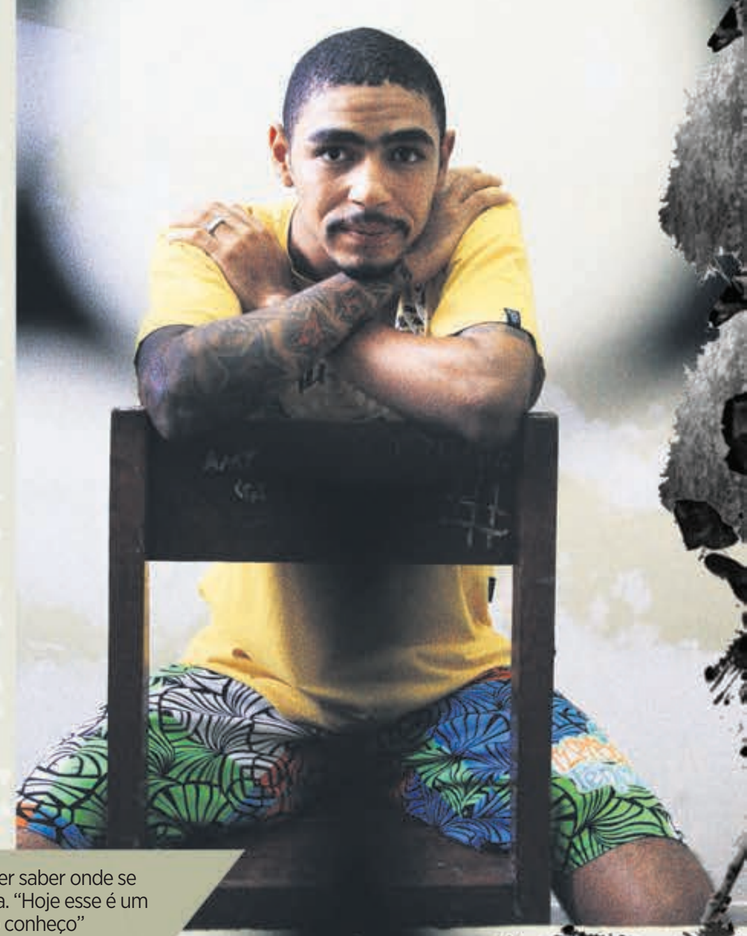
José Amaro volta com a carta.

"Não esqueço do nosso jantar à luz de velas, a gente escutando Maria Cecília e Rodolfo. Não esqueço de quando íamos morrer bem velhinhos, juntos, é claro. Te amo. E vou te esperar por toda a minha vida. Seu amor, Miroca."

Quando sonha com a liberdade, e ele sonha todo dia, José Amaro já sabe o que vai fazer.

– A primeira coisa é ver meu filho e minha irmã. Depois, esperar o domingo chegar, comprar umas coisas, quem sabe uma flor, e ir lá visitá-la.

JOSENILDO diz que a cadeia do irmão, Joseildo, passou para ele, feito uma doença contagiosa



CLEBERSON quer saber onde se esconde a alegria. "Hoje esse é um lugar que eu não conheço"

4 irmãs, 10 filhos

Aconteceu com elas. Aconteceu com a maioria das meninas que, como elas, ensaiavam um futuro mais promissor. Quanto mais filhos, mais distante o caminho da escola

JOSICLEIDE tomou chumbinho para evitar o filho que teve. Tomou mais de uma vez. Quem ia morrendo era ela

ROSINHA banha o filho de 10 meses, que estava com catapora, com água de milho seco. "É bom para cicatrizar as feridas"

Numa quarta-feira, começo de uma tarde quente de novembro do ano passado, o desabafo de Aparecida mais parecia uma confissão. Sentada na soleira da porta da Igreja de Santa Luzia, no Morro do Bom Jesus, lá no alto, com a cidade de Caruaru aos pés e o filho Ruan no colo, a menina-mulher chora para dentro.

– Não queria nada dessa vida que eu tenho hoje. Nada.

Não são lágrimas que lavam o rosto de Cida, mas a explosão silenciosa do desalento.

Naquela tarde, Maria Aparecida da Silva, 24 anos, carregava com ela os três filhos. Começou desde cedo. Tinha 17 quando Márcia veio ao mundo. Depois, aos 19, ganhou Mikaele. Por último, chegou Ruan, 3 anos, jeito inquieto e olhar desconfiado. Naquele começo de tarde, ela não sabia. Ninguém sabia. Mas Cida já era ali mãe de quatro filhos. Estava grávida de quatro semanas. Só viria a descobrir meses depois, quando os peitos começaram a inchar e ela, que nunca engorda, passou a ganhar peso. A essa altura, a gestação já entrava na 16ª semana.

– Cida, como foi isso?

– E eu sei, mulher. Mais uma loucura dessa minha vida.

Tinham se passado quatro meses desde o choro-explosão da menina-mulher na soleira da igreja, no alto do morro. Dessa vez, a conversa foi na casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, recebida do Programa Minha Casa, Minha Vida. Cida já sabia que seria um menino. "Se for igual a Ruan, eu me mato." Mas não sabia que nome dar a ele. Não queria o parto natural dos outros três. Sonhava com uma cesárea, para poder ligar as trompas e nunca mais se descobrir grávida.

Às 8h59 do dia 14 do mês passado, Cida deu à luz Davi, 3,750 quilos e 49 centímetros de pura valentia. O pai da criança não apareceu na maternidade para segurar a mão da mãe, levar flores, fazer um carinho, compartilhar as dores do parto nem abraçar o rebento, minutos após a alegria do primeiro choro. Quando soube da barriga, duvidou até que o filho fosse dele. Cida não conseguiu fazer a cesárea que queria. Estava com uma anemia grave, teve um princípio de hemorragia e o parto precisou ser normal mesmo.

Foi com 15 anos que Josicleide, irmã de Cida, também se viu grávida. Rosicleide ("Rosinha" para os de casa e os da rua), irmã de Cida e de Josicleide, ganhou o primeiro filho aos 17. Jaqueline, irmã de Josicleide, de Cida e de Rosinha, tinha 16 anos quando virou mãe. No tempo em que perambulavam soltas pelas ruas de Caruaru, as quatro irmãs nem desconfiavam que, dez anos mais tarde, dariam conta de tantas crias. Juntas, somam dez filhos. Aconteceu com elas. Aconteceu com a maioria das meninas que, como elas, ensaiavam um futuro mais promissor naqueles anos do Comviva. Praticamente todas largaram os estudos. Não completaram nem o ensino fundamental. Quanto mais filhos, mais longe o caminho da escola.

– Estudei grávida de Carol e Daniel. Quando eu estava na 8ª série, engravidei de Danilo e não tive mais forças. Nem terminei o ano. Não tinha mais o que fazer numa sala de aula. Sei que perdi minha vida, mas não me vejo mais na escola. Estudar pra quê?

A desesperança de Josicleide assusta. Mais ainda por sua pouca idade. Das quatro, é a mais jovem. 21 anos. Três filhos, dois de um mesmo pai, o terceiro, de outro homem. Ela nunca ouviu falar da palavra frustração, desconhece o seu significado, mas cada frase sua, lamento, revolta, soa como a mais perfeita e incômoda tradução dessa expressão. Machuca ouvir Josicleide dizer que não é mais uma menina feliz. Que não sabe mais o que é estar rindo à toa. "Eu penso em dar esses meninos e cair na vida errada. Mas tenho medo que eles sofram e aí me falta coragem." Confessa, com naturalidade, que tentou abortar os filhos. Principalmente o mais novo, cansada que estava das intermináveis brigas com o pai da criança. Tomou chumbinho, veneno de matar rato que se compra facilmente na feira. Tomou mais de uma vez. Quem quase ia morrendo era ela.

Na primeira conversa, no fim do ano passado, Josicleide dizia com todas as letras que não queria mais colocar um homem dentro de casa. Podia dar uns beijos, sair para dançar, fingir que a vida ainda podia ser leve. Agora morar junto de novo, nunca mais. Estava trabalhando de carteira assinada numa lanchonete fast-food, mas reclamava que o salário mínimo que pagavam não compensava a exploração no trabalho. No reencontro, em março deste ano, as coisas tinham mudado. Estava casada e, para espanto e preocupação da família, pensava em tirar o anticoncepcional DIU e dar ao novo amor um novo filho.

– Ele gosta muito de criança. Quer ter um filho meu. Isso é bom, né?

No mês passado, mais novidades. Saiu do emprego e levou os três filhos para ir morar na casa do atual marido. Já estava sem o DIU.

Das quatro irmãs, Rosinha, 26, é a única que continua morando no Morro do Bom Jesus. É a única que continua casada com o mesmo garoto com quem descobriu o amor, lá atrás, nos tempos inocentes do Comviva.

– Ainda é aquele? O povo sempre pergunta, espantado. As tias da comunidade onde a gente estudou nem acreditam.

Quando Rosinha conheceu Cleibson era uma menina. Os dois viviam nas ruas e foram parar no Comviva, atraídos pelas brincadeiras, refeições, sonhos e esperanças oferecidos pela ONG. Não demoraram para gostar um do outro. E ainda crianças tomaram decisões de adulto. Aos 13 anos, Rosinha se juntou a Cleibson, foi morar num quartinho com ele e desistiu da escola. Não era boa em matemática. "Dava a peste e eu não conseguia aprender nada." Parou na 4ª série do ensino fundamental.

No dia anterior ao que a reportagem esteve em sua casa, em dezembro do ano passado, tinha acabado de escrever com a filha a cartinha para o Papai Noel dos Correios. Rosicleide, batizada com o mesmo nome da mãe, 9 anos, reclama da letra de Rosinha. "Ela implica. Diz que é muito feia. Que eu não sei escrever direito." Em anos anteriores, a menina já tinha escrito e recebido do bom velhinho primeiro uma boneca, depois um chinelo número 33 que está guardado, novinho em folha, até hoje no guarda-roupa, esperando o pé crescer (o número dela é 29). Dessa vez, pediu uma bicicleta. Rosinha é simpática, doce, mas não consegue esconder seu aperreio. Clebson, quase o mesmo nome do pai, estava com catapora havia alguns dias. Ela banha o garoto de 10 meses com água de milho seco. "É bom para cicatrizar as feridas."

Cleibson, o grande amor de Rosinha, saiu do Comviva com quase 18 anos. Também deixou os estudos pelo caminho e hoje carrega frete na feira. Tem dia que recebe R$ 15. Quando é muito bom, chega com R$ 50 em casa. Só não passam fome por causa do Bolsa Família. Pelos dois filhos, ela recebe R$ 180. A vida de Rosinha não é tão melhor do que a das irmãs, mas ela se diz satisfeita. "Tive sorte", alegra-se, pensando no marido e no casamento que já dura 13 anos. O sonho de virar dançarina, alimentado na época de criança, foi esquecido. Mas ela não se arrepende não. "Se eu estivesse na bagaceira, nem sei se ainda estava por aqui."

O fato de ter tido só uma filha não garantiu a Jaqueline, 23, uma vida mais fácil. Quando engravidou, chegou a comprar chumbinho, o mesmo veneno que Josicleide usou no desespero de evitar os filhos que teve. Mas, diferentemente da irmã, ela não teve coragem de ir adiante. Itauana nasceu no dia 12 de fevereiro de 2006, saudável e gigante. Jaqueline ainda passou cinco anos morando com o pai da menina, mas o casamento não deu certo e ela voltou para a casa da mãe. Não foi uma escolha tranquila. A mãe de Jaqueline, Cida, Josicleide e Rosinha é alcoólatra. As filhas reclamam que ela sempre foi ausente. "Todas as outras mães iam ver as apresentações de dança das meninas no Comviva. Ela nunca foi."

Vira e mexe, Jaque e a mãe se estranham. Como a necessidade obriga, ela resolveu passar por cima das diferenças e começou a construir sua casa no quintal da mãe. Chegou a levantar as paredes de tijolo. Veio mais uma discussão e o sonho da cozinha americana, quarto para ela e para a filha, sala e banheiro ficou inacabado. Não deu tempo nem de completar o reboco.

– Se o tempo pudesse voltar, eu faria tudo diferente. Fui cair na conversa de malandro e hoje estou nesse sofrimento.

O arrependimento de Jaqueline não consegue evitar que ela continue presa ao passado. Depois que se separou, voltou a namorar Antônio, colega de temperamento explosivo, desde os tempos do Comviva. Fez um ano, nas festas de São João, o clima esquentou. Cerveja, dança, ciúmes, bate-boca, troca de insultos e Antônio bateu em Jaqueline. Pedido de perdão, juras de amor, reconciliação, promessas de nunca mais isso acontecer. No mês passado, eles novamente brigaram e Antônio tirou sangue do rosto de Jaqueline. Ela denunciou o namorado à polícia. E jurou nunca mais ficarem juntos.

APARECIDA viu os peitos incharem e começou a ganhar peso. Não sabia, mas estava grávida de Davi

"Ele gosta muito de criança. Quer ter um filho meu. Isso é bom, né?"

JAQUELINE apanhou do namorado. Perdoou. Apanhou de novo. Denunciou na delegacia. Jurou nunca mais ficarem juntos

Destinos cruzados na dor

Aí o acaso, por ironia do destino, aproximou os dois mais uma vez. Não como casal. Marido e mulher. Dessa vez, era diferente. Ele quis voltar. Ela disse que não dava certo

Gilberta e Wallison passaram a vida se encontrando e se desencontrando. Se pensar bem, foram mais desencontros do que encontros. Mas um nunca esqueceu totalmente o outro. Eram meninos ainda. Lá no Comviva. O primeiro amor. A primeira noite. Enfrentaram família, saíram de casa, tudo para ficar juntos. A vida veio e separou. Eles voltaram. A vida foi e separou de novo. Cada um seguiu para o seu lado. Gilberta casou, teve duas filhas, separou. Wallison casou, não teve filhos. Aí o acaso, por ironia do destino, aproximou os dois mais uma vez. Não como casal. Marido e mulher. Gilberta e Wallison, por razões distintas, vivem hoje dependentes de uma cadeira de rodas. Ela, desde os 19 anos. Ele, desde os 18. Ela, vítima de uma trombose. Em menos de uma semana, teve as duas pernas amputadas. Ele, por um tiro disparado na guerra do tráfico.

GILBERTA tem os olhos pretos, mas gosta mesmo quando, num passe de mágica, eles ficam verde-esmeralda

Ela

Nem tente apressar Gilberta na hora de sair de casa. Não interessa qual o compromisso, a moça só sai depois de pintar os olhos cuidadosamente, muito além de um simples contorno. Sombras, lápis, rímel, os apetrechos estão velhos e desgastados. Não importa. Ela carrega a bolsa rosa de maquiagem como se ali guardasse pequenos tesouros. Maria Gilberta dos Santos, 25 anos, tem os olhos pretos, mas gosta mesmo quando, num passe de mágica, eles ficam verde-esmeralda, brilhando e atraindo mais olhares para a sua beleza negra.

– Não era para a gente envelhecer. Só na idade. O rosto devia ficar bonito para sempre.

A vaidade acompanha Gilberta desde menina. Gosta de lembrar que, nos tempos do Comviva, recebeu convite para ser modelo. O sorriso largo, a postura altiva, o temperamento expansivo, a alegria como defesa e exercício de sobrevivência. Não adianta procurar tristeza em Gilberta. Quando ela aparece, e é claro que ela aparece, a jovem dá um jeito de distraí-la, "tirando uma onda com um ou outro, indo para uma seresta, dando umas paqueradas". Essa coisa de sofrimento não combina com ela. "Não gosto de ficar me queixando do que foi a vida. Eu gosto é de viver."

Foi depois de uma briga com o ex-marido, pai de suas duas filhas, que as pernas de Gilberta começaram a inchar. Ela não lembra se ele chegou a bater nas pernas dela, mas, no dia seguinte, começou a sentir um peso, as pernas ficaram roxas e com bolhas. No outro dia, "já estava igual ao couro de um sapo". Foi quando resolveram levá-la ao hospital. No exame, o médico colocou uma agulha na batata da perna esquerda, de um lado para o outro.

> "A pessoa perder um dente já é difícil. Imagina perder uma perna"

– Você está sentindo alguma coisa?

– Não.

– Olhe para baixo.

Quando eu olhei estava aquela agulha gigante enganchada e eu não sentia nada. Aí o médico olhou para a minha mãe e disse para ela, como se eu não estivesse ali:

– A pessoa perder um dente já é difícil. Imagina perder uma perna.

Minha mãe começou a chorar, querendo desmaiar. Aí eu disse para o médico, com a tranquilidade que eu estou falando agora:

– Pode amputar. O que eu quero é estar viva para cuidar da minha filha.

Quando acordou, Gilberta só tinha uma perna. Quis saber por que a outra estava enfaixada. Ouviu do médico que a perna direita também estava ficando "fria". Isso foi numa terça-feira. Na sexta, mandaram chamar o pai e a mãe para ir ao hospital de novo. Quando ela acordou, estava sem as duas pernas.

Gilberta nunca se sentiu presa à cadeira de rodas que passou a usar. Teve mais uma filha, reaprendeu a nadar, este ano voltou a estudar. Lá atrás, ela não esconde, sentiu vergonha de si mesma quando saiu do hospital. Hoje sente orgulho. Das sete meninas-mães entrevistadas nesta reportagem, foi a única que disse ser uma garota feliz.

Ele

O tiro que salvou a vida de Wallison Patrício da Silva, 23, o colocou numa cadeira de rodas. A bala até hoje está alojada no pescoço, praticamente colada a uma das veias do coração. O caminho que o projétil fez no corpo do rapaz traçou o limite entre a vida e a morte. Ao atingir a coluna, deixando-o paraplégico, a bala escapou de perfurar a veia, o que teria causado uma hemorragia fatal. Não tem sido fácil viver numa cadeira de rodas, "nunca vou me acostumar a ela", mas Wallison diz que aprendeu com a tragédia a distinguir o certo do errado.

– Paguei um preço alto para entender o que tinha feito da minha vida. Mas a maioria dos meus amigos nem essa chance teve. Quase todos estão mortos.

A entrada no tráfico foi uma decisão estratégica. Achou mais seguro vender crack do que roubar. Assaltando já tinha levado três carreiras da polícia. Com a pedra, o risco era bem menor. Bastava entocar em algum lugar seguro e esperar os clientes. Wallison despertou a inveja de outros traficantes porque trabalhava com pasta-base vinda diretamente da Bolívia. "Meu produto era puro. O pessoal sentia a diferença. Os viciados vinham todos atrás de mim."

A foto pendurada na parede da sala da casa onde mora com a mulher virou um símbolo da vida que Wallison hoje busca. Foi tirada na festa de São João de 2011. Ao lado da presidente Dilma Roussef, ele esboça um sorriso tímido, mas envaidecido. "Fui com a turma da Associação dos Cadeirantes de Caruaru para inauguração da acessibilidade nos camarotes. Eu não ia perder a oportunidade de fazer uma foto com a presidente, né?" Quando fala do futuro, Wallison tem pressa de recuperar o tempo perdido. Mas não tanta. Depois do tiro, voltou a estudar e se negou a fazer supletivo. "Ia ser tudo na carreira, sem aprender nada. Meu sonho é fazer uma faculdade. Se não estudar direito, não chego lá."

Ele, por ela

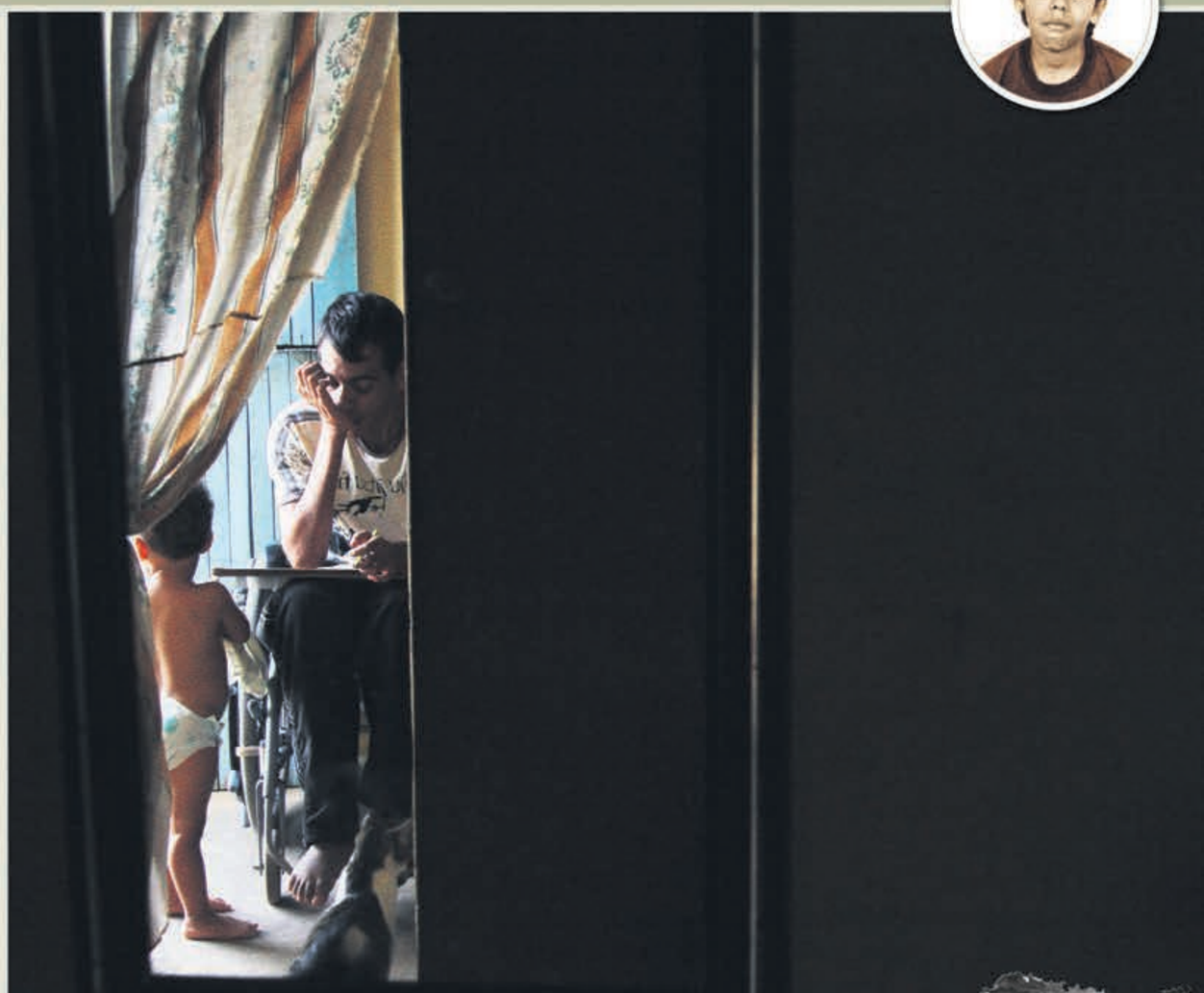
"De vez em quando eu vejo Wallison. Ele levou um tiro, lá no morro, traficando. Tá numa cadeira de rodas também. A gente foi namorado. Eu fui a primeira mulher dele e ele foi o meu primeiro homem. Não deu certo, a gente se separou. Eu segui a minha vida, ele seguiu a dele.

Depois ele quis voltar, mas eu disse que não daria certo dois cadeirantes juntos. Do meu jeito, eu me cuido, eu tomo banho, faço mudança, lavo prato, ele é mais preso. Eu faço de tudo. E ele não. Para a gente ficar junto, ia ser complicado. Além de ele depender de mim, eu ia depender de outra pessoa para cuidar dele também. Não ia dar certo. Quando namoramos, ele tinha 13 anos e eu, 15. Depois, quando eu saí da comunidade, a gente se encontrou de novo, mas não deu muito certo. Ele estava seguindo a vida muito errada. Aí depois eu escutei no rádio que Wallison Patrício da Silva tinha levado um tiro. Passou um filme na minha cabeça. Tudo o que tinha acontecido desde o tempo do Comviva, desde o primeiro beijo até aquele tiro. A gente depois se encontrou de novo, ele querendo ficar comigo. Mas eu disse que não dava certo não."

Ela, por ele

"Quando eu saí do Comviva, eu saí namorando com Gilberta. Minha mãe e minha família me diziam: não quero você com essa menina, porque ela mora numa favela. Uma mãe quando tem cuidado com o filho, não quer que ele vá para o mau caminho, aí diz isso. 'Não se junte com essa menina'. Mas eu gosto dela. 'Eu sei que você gosta dela, mas ela mora numa favela, a família dela mora para lá. Eu não quero você indo para esses cantos porque tem gente errada e você só aprende o que não presta.' Eu dizia para ela: Eu não vou conviver com gente errada não. Mas só que eu já era envolvido com coisa errada, mas ela não sabia. Aí eu fiquei namorando com Gilberta sem minha mãe querer e sem a mãe dela querer também. Porque, ao contrário da minha mãe, a mãe dela sabia que eu fazia coisa errada e dizia a ela: Não quero você com esse menino porque esse menino é errado, faz coisa errada. Terminou eu e ela indo morar lá na casa da minha tia; aí depois nós nos separamos. O tempo passou, aconteceram tantas coisas. De vez em quando eu vejo ela por aí. As pessoas veem também e me dizem. Eu gosto muito dela porque ela foi a primeira mulher que tive na vida e eu sempre gostei dela. Só que para mudar tudo hoje é muito difícil porque eu já moro com outra pessoa e é um negócio muito complicado. Se fosse fácil, eu pegar e ir morar com ela, mas não é fácil não, tem muitas coisas. Tem a família da minha mulher, tem minha mulher, que sempre esteve do meu lado, ficou comigo depois do tiro, tem tudo."

WALLISON tem uma bala alojada no pescoço. O tiro que lhe salvou a vida o colocou numa cadeira de rodas. "Nunca vou me acostumar a ela"



Salvo pelos livros

Ele foi o único entre os 21 irmãos e entre todos os garotos do Comviva a terminar os estudos. A opção pela escola mudou a sua vida

Poderia ter sido como os outros. Poderia tudo ter dado errado. Mas ele reinventou sua história. E.M.S. é uma exceção, a linha fora da reta. Uma esperança, um sopro. Escreveu um novo enredo quando tomou a decisão que mudou sua vida. Na contramão da urgência de sobreviver, trocou o trabalho pelos livros. Fez o que praticamente nenhum dos colegas de rua e de sina conseguiu: terminou o ensino médio. Foi ainda mais longe. Passou no concurso da Polícia Militar de Pernambuco e hoje aguarda ser chamado para a corporação. Aos 23 anos, realizou o sonho de todo brasileiro: acabou de comprar a casa própria, financiada em 180 meses. Uma conquista que o pai dele só conseguiu aos 60 anos. Ao trilhar o caminho da escola, e não aceitar abrir mão dele, o menino nascido e criado no Morro do Bom Jesus desafiou a ideia de que destino já nasce pronto. O destino, ele provou, é a gente que faz.

Não foi uma escolha fácil. Desistir do trabalho significava ficar sem os R$ 720 que ele ganhava como auxiliar de estoque e que lhe garantiam a sobrevivência. Estava começando o último ano do ensino médio. Se parasse ali, sabia que nunca mais retomaria os estudos. Não tinha ido tão longe para ficar pelo caminho. Tentou negociar.

– Não tem como vocês me liberarem para eu estudar? É meu último ano na escola.

– Não. Aqui ou você trabalha, ou você estuda.

– Então, podem me demitir.

E.M. nasceu numa família de 22 irmãos. Todos do mesmo pai e da mesma mãe. Dezesseis homens e seis mulheres. Foi o único, entre os 22 filhos, a terminar os estudos. Teve dois irmãos assassinados. Dois estão presos. Outros três são viciados em crack. Ele não gosta de ir ao morro. Quando vai, é para visitar o pai, que não aceita sair de lá. Não é uma questão de preconceito dele com o morro. É por não se sentir bem mesmo. "Não é bom ver as pessoas usando drogas, armadas. Quanto mais longe eu estiver dali, melhor para mim." Numa das últimas vezes que visitou o pai, sentiu o peso do preconceito dos outros com o morro. Foi revistado por um grupo de policiais, que lhe mandaram botar a mão na cabeça. Ele se recusou. A situação ficou tensa. Quase foi preso por desacato à autoridade. Não cedeu. Mostrou os documentos. Não era marginal, não ia botar a mão na cabeça.

O preconceito o acompanha desde sempre. Primeiro, por ser do morro. Depois, por viver nas ruas. Mais tarde, por ser de uma ONG que atendia meninos que viviam nas ruas. Foi na escola, espaço de inclusão, que ele mais sentiu o peso da exclusão. Lembra até hoje as palavras de uma professora do antigo primário. "Ela falou para mim que não gostava de negro, principalmente se fosse menino de rua. Falou isso porque sabia que eu era do Comviva. Procurei a diretora. Fiz a maior confusão. Não achava justo ser condenado pela minha cor ou minha origem." Justamente por ter passado a vida se esquivando do julgamento alheio, E.M. preferiu que seu nome e sua imagem, já adulto, não fossem mostrados neste especial. "As pessoas vão querer te julgar pelo que você passou, pelo lugar de onde você veio. Começam a fazer julgamentos e as oportunidades escapam. Infelizmente, é assim que funciona."

O jovem que virou referência para todos os outros garotos e garotas entrevistados nesta reportagem chora fácil. Não é porque conseguiu chegar mais longe que esquece o que passou. Sofre profundamente todas as perdas que precisou superar. Basta começar a lembrar dos amigos mortos, dos irmãos assassinados, da saudade da mãe, que se desmancha em lágrimas. O que pode parecer sinal de fraqueza arrisca ser sua maior qualidade. É a consciência exata de tudo o que viveu e do que precisou enfrentar que dá a E.M. a grandeza do tanto que conseguiu e até onde chegou.

– Eu sempre quis dar orgulho para os meus pais. E sabia que só ia conseguir isso terminando os estudos. Já pensou você ter 16 filhos homens e nenhum dar certo?

É quando fala da família que o jovem mais se emociona. Por mais que tenha reescrito sua história, não consegue fugir totalmente do passado. Numa das últimas vezes que o reencontramos, ele vivia exatamente essa angustiante contradição. Havia acabado de se mudar para a casa nova, financiada pela Caixa Econômica Federal, no subúrbio de Caruaru. Tinha enfrentado dois anos de burocracia, correndo atrás de documentos, pagando taxas para, finalmente, cadastro aprovado, ter as chaves na mão. Estava se sentindo no paraíso. "Quantas dificuldades eu passei até comprar a minha casa? Não ter me envolvido com coisa errada, saindo do lugar que sai. O primeiro passo foi grande, muito maior do que a perna. Mas é só o primeiro degrau. Daqui para frente é melhorar ainda mais."

> - Não tem como vocês me liberarem para eu estudar? - Não. Ou trabalha, ou estuda. - Então, podem me demitir.

A felicidade só não era maior, ele conta com o rosto de novo lavado em lágrimas, porque, dias antes da mudança, dois irmãos haviam sido presos. Um por tentativa de homicídio, o outro por porte ilegal de arma. O rapaz se sente impotente diante das escolhas feitas pelos parentes. Mas não consegue ficar imune a elas. "É complicado. Quanto maior a família, mais problema aparece. Só o destino consegue dar resposta a isso. A gente estudou junto, na alfabetização. Depois as coisas foram tomando seu rumo. Eles tentam me entender. Eu ajudo como posso. Mas somos muito diferentes."

Talvez porque o passado insista em atravessar seu caminho seja tão difícil para E.M. deixá-lo para trás. Há um mês, ele descobriu que, por ter o nome muito parecido com o de um de seus irmãos, os processos judiciais do parente estavam aparecendo em seu nome. O jovem se desesperou. Logo ele, que nunca se envolveu em nada errado. Logo ele, que precisa do atestado de antecedentes criminais para ser admitido nos quadros da Polícia Militar. Não perdeu tempo. Já começou a correr atrás da Justiça para que o erro seja reparado. Precisa conseguir a retificação o mais rápido possível. Mesmo diante de mais uma provação, não se entrega. Forjado na adversidade, diz que vai conseguir reparar o erro e, mais uma vez, seguir adiante.

Força para isso ele tem. Ao olhar para trás, sente orgulho de ter transformado sua vida em mais vitórias do que derrotas. "Lá no Comviva, eles deram oportunidade. Disseram: tu vai estudar, estudar, estudar. Lá na frente tu vai tentar arrumar um trabalho e fazer tua família. Muitos não quiseram, desistiram. Eu estava no mesmo caminho que eles e consegui. Consegui estudar, terminar os estudos, arrumar um trabalho e formar a minha família."

A alegria de ter ido tão longe não é só por ele. Mas o que isso representa para pessoas como ele. O jovem não esconde a satisfação que sentiu ao reencontrar, há uns dois anos, a professora do primário que o havia discriminado por ele ser negro e viver nas ruas quando criança. Ela estava numa festa, acompanhada do marido. Ele, com a esposa e a filha.

– Fiz questão de falar com ela. Perguntou se eu estava trabalhando, disse que sim. Aí falou para o marido: 'esse é um ex-aluno meu'. Eu mostrei que o negro e o menino de rua não era o que ela pensava. Era um cidadão, com família e emprego igual a ela. Acho que isso é a melhor coisa que tem.

E.M.S. passou a vida se esquivando do preconceito. Um dia, no morro, foi revistado por policiais, que lhe mandaram botar a mão na cabeça. Ele se recusou. Quase foi preso por desacato. Não cedeu. Não era marginal, não ia botar a mão na cabeça

Ao lado, a foto com a galera da padaria, que E.M.S. segura no alto da página. Entre os cinco meninos do Comviva que aparecem na imagem, três foram assassinados. Mais tarde, aqueles tempos seriam lembrados como os melhores anos da vida dos garotos

O Brasil passado a limpo

Nos últimos dez anos, a educação, única força capaz de romper o ciclo histórico de desigualdade do País, deu sinais de avanços. Mas ainda falta muito. A vida dos meninos e meninas de Caruru é a prova inconteste. Não se muda uma nação com as crianças fora da escola

A história dos meninos e meninas de Caruaru é uma aula de Brasil. Suas trajetórias de vida, uma prova inconteste de que só se rompe o ciclo histórico de desigualdade do País com educação. Foram os estudos que tiraram E.M.S. da invisibilidade a que estava condenado desde criança. Foi a distância da escola que ajudou a aprisionar tantos outros garotos, que viviam nas ruas como ele, no mundo do crime e das drogas. Não há outra saída. A educação é o único vetor capaz de igualar desenvolvimento social e crescimento econômico. A única arma para enfrentar a contradição perversa que o Brasil carrega em seu DNA. O País é a 7ª economia mundial, mas ocupa a 84ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Uma distorção que para ser corrigida exigirá um investimento maciço em escolas públicas de qualidade.

Nos últimos dez anos, enquanto a maioria dos meninos e meninas do Comviva crescia longe da escola, a educação no País avançou, não há dúvidas. Mas não na velocidade necessária para resolver as inúmeras distorções do sistema educacional e garantir a escola de qualidade. Muito menos para ser um espaço capaz de atrair e manter, principalmente, os jovens na sala de aula. Os garotos retratados neste especial são o exemplo claro dessa incômoda realidade. Matriculados eles foram, até frequentaram o colégio por alguns poucos anos, para depois engrossar as fileiras da evasão escolar.

As estatísticas ajudam a entender onde o País deu saltos e onde persistem seus gargalos e maiores desafios. A universalização do ensino fundamental (do 1º ao 9º ano) foi uma das maiores vitórias. No ano passado, o País conseguiu matricular 98,5% de suas crianças com idade entre 7 e 14 anos. A ampliação do acesso se deve, em grande parte, à criação de fontes de financiamento vinculadas ao carimbo da escola. Primeiro veio o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (Fundef) e, mais tarde, o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), que estendeu o repasse dos recursos para as creches, a pré-escola e o ensino médio.

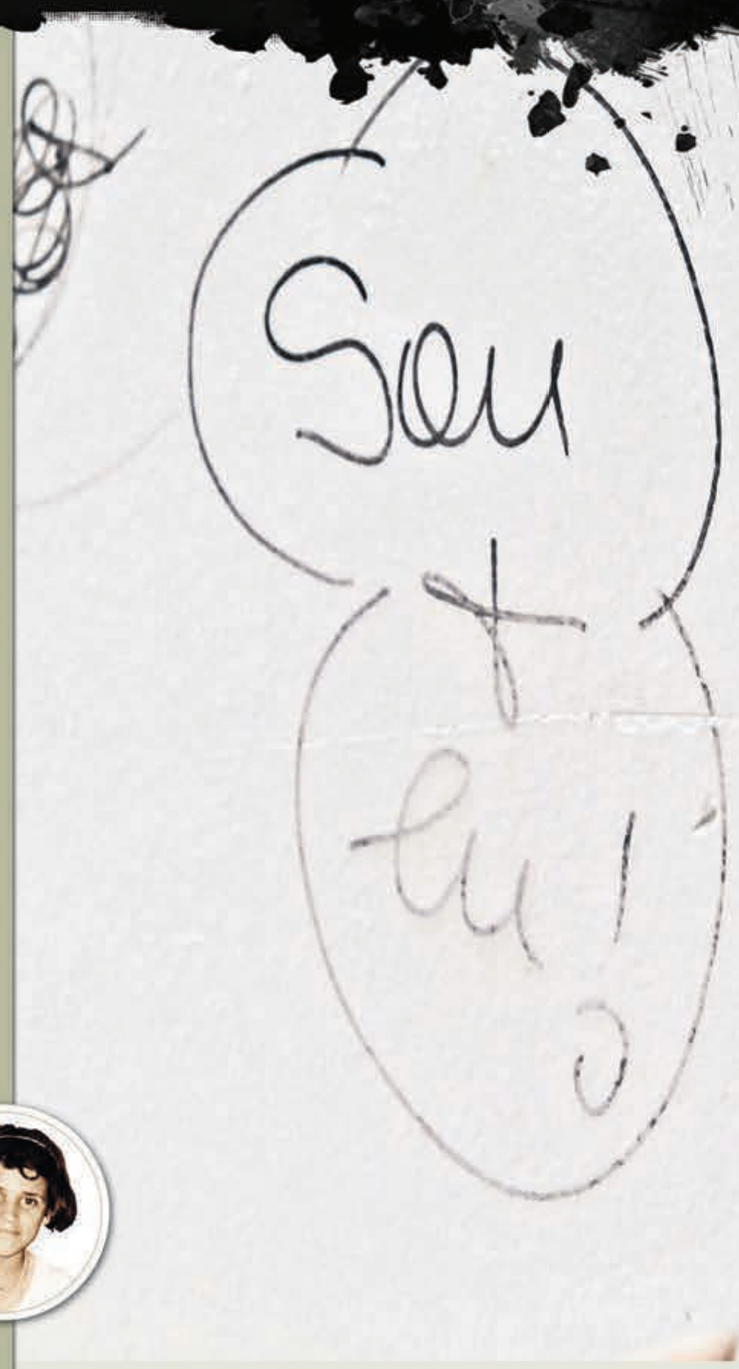
De que adianta estar na escola se não for para aprender?

Universalizar o acesso também nas portas de entrada e de saída da educação básica, no entanto, ainda é uma meta a ser alcançada. Em 2011, apenas 81,7% das crianças de 4 e 5 anos estavam matriculadas na pré-escola. Um contingente muito menor dos jovens brasileiros, cerca de 50%, com idade entre 15 e 17 anos, está cursando o ensino médio. Em abril deste ano, uma modificação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), proposta pela Emenda Constitucional 59, trouxe a esperança de que essa inclusão seja finalmente acelerada. O novo texto dá um prazo até 2016 para que todas as crianças e jovens com idade entre 4 e 17 anos estejam na escola. Pelo menos na lei esse direito está assegurado.

Ampliar o acesso é essencial, mas ele só terá a eficácia desejada se garantir o ensino de qualidade. De que adianta estar na escola se não for para aprender? É nesse ponto que ainda estamos engatinhando. Os dados de avaliação que medem a aprendizagem dos alunos nas últimas séries de cada etapa da educação básica continuam estarrecedores. O pior deles é o do ensino médio. A percentagem de alunos que terminam o 3º ano com o aprendizado adequado de português é inferior a 30%. Em matemática, o resultado é ainda mais alarmante: apenas 10% dos alunos concluem o ensino médio dominando o conteúdo adequado da disciplina.

Com três anos de atraso, o Congresso Nacional deve aprovar este ano o Plano Nacional de Educação, com metas para 2021. A grita é ampliar de 7% para 10% o percentual do Produto Interno Bruto (PIB) destinado à educação. Não é só uma questão de dinheiro, mas de como usá-lo. O professor Mozart Neves Ramos, assessor da presidência do Movimento Todos pela Educação, defende o aumento progressivo das verbas, mas diz que sem controle e fiscalização os resultados ficam comprometidos. "É claro que precisamos de mais investimento, mas se a verba não chega na escola, na sala de aula, a transformação é mínima. Só dinheiro não resolve. Tem que ter boa gestão, melhorar a qualificação profissional, criar as verdadeiras condições de uma escola atraente e de qualidade."

No mês passado, quando conversou com a reportagem, ele foi visionário ao afirmar que a sociedade não aceita mais passivamente o atraso no ensino público. "O controle social vai avançar muito e de forma qualificada. Antigamente, qualquer coisa servia. Hoje os pais estão mais vigilantes e fazem uma pressão sistemática." O que se viu nessas últimas semanas, quando a população brasileira foi às ruas exigir melhorias na prestação dos serviços, foi justamente essa cobrança em alto e bom som. O investimento na escola de qualidade era uma das principais bandeiras dos manifestantes. No calor dos protestos, a Câmara dos Deputados aprovou projeto que destina 75% dos royalties do petróleo para a educação e vincula ao setor a aplicação de 50% dos recursos do Fundo Social, criado com as novas regras de exploração do pré-sal. Os recursos deverão saltar de R$ 25,8 bilhões para R$ 280 bilhões ao longo de dez anos. Não será por falta de dinheiro que o País deixará de fazer a revolução mais importante de sua história.



MICILENE foi a única das meninas a terminar os estudos. Até hoje agradece a firmeza da mãe em não deixá-la largar a escola. Mas ainda espera da vida uma segunda chance

"Eu era uma menina carregando outra na barriga"

Todo ano, a mãe de Micilene fazia a mesma promessa. Ela ia ganhar uma bicicleta se passasse na escola. Depois foi a festa de 15 anos. Ia ser inesquecível. Bolo, valsa, filmagem, vestido de cetim. Todas as amigas iam ser convidadas. Não aconteceu uma coisa nem outra. A bicicleta e a festa nunca chegaram. Em compensação, Micilene Martins da Silva, 23 anos, foi a única entre as meninas do Comviva que conseguiu terminar os estudos. Assim como E.M.S., o garoto que concluiu o ensino médio, ela sempre tirava as melhores notas, era inteligente, uma das mais dedicadas. Até hoje agradece a firmeza da mãe em não deixá-la largar a escola.

Em maio deste ano, quando reencontramos Micilene, ela era a única, entre todas as meninas entrevistadas neste especial, que tinha um emprego com carteira assinada. Trabalhava como caixa em um supermercado de Caruaru. Chegou a sonhar com a faculdade, embora não soubesse exatamente que curso faria. Sabia que podia ir mais adiante. Gostaria de ter ido. Mas sabia também que seria muito difícil continuar no mundo dos livros. De longe é a que tem mais consciência de tudo o que aconteceu e por que, apesar de ter se esforçado tanto, ainda espera da vida uma segunda chance.

– Eu era uma menina carregando outra na barriga. Se tivesse parado na primeira filha, tudo poderia ter sido diferente.

Mas não parou. Tinha 15 anos quando Milene nasceu. No ano seguinte veio Mirele. O pai das meninas era violento, viciado em drogas, terminou preso. Conheceu outro amor. Passou 10 meses com ele. Estava no 8º mês de gestação quando o rapaz foi assassinado. Ouviu os tiros de casa. Não sabia, foi olhar, o maior corre-corre. Era o marido que estava lá, o corpo estendido no chão. Jadiel nasceu sem conhecer o pai. Passou o tempo, o coração apertou, lá vai ela tentar de novo. Quem sabe dessa vez é diferente? Alisson acabou de completar 1 ano. Mas Micilene continua procurando a felicidade. O marido é violento, viciado em crack, já foi preso. Ela conhece bem esse filme, sabe onde vai dar. Toda vez que pensa melhor na vida, pensa em se separar.

– É difícil cuidar de quatro filhos sozinha.

De certa forma, já é assim. O salário mínimo que recebe do supermercado mal dá para pagar as contas. Mas falta a coragem.

Tem uma coisa de que ela se orgulha. "Nunca fui presa." Gosta também de dizer que sempre deu orgulho à mãe. "Ela nunca precisou ser chamada na escola para ouvir uma reclamação. Era só elogio."

Há três meses, acordou com a polícia batendo em sua porta. Os filhos com medo, chorando, foi uma agonia. Procuravam o marido, queriam saber onde estavam escondidas as pedras de crack. Queriam até levá-la junto.

Micilene pensou de novo. "Preciso me separar." Naquela dia, quase tomou a decisão. Ainda não foi dessa vez. É difícil cuidar de quatro filhos sozinha.

C.R.S. roubou os brinquedos dos filhos para trocar por pedras de crack. "Estou vivo porque Deus quer"

A explosão do crack

A epidemia que varre o Brasil teve um impacto devastador na vida dos garotos. Muitos estão aprisionados no vício. Quem não está usando está vendendo. Ou usando e vendendo

Dez segundos. É a demora que o crack leva para agir no corpo do usuário. A fumaça vai direto para o pulmão e, de lá, chega ao cérebro. Reação imediata. Prazer instantâneo, mas com efeito devastador. A epidemia que varre o Brasil teve um impacto destruidor na vida dos meninos e meninas que, há dez anos, viviam nas ruas de Caruaru. Naquele tempo, ainda era raro falar da pedra. Fumava-se maconha. Cheirava-se cola. Mas não demorou muito para a droga começar a seduzir os garotos. A maior parte dos relatos de morte, prisão e dependência química, colhidos neste especial, tem relação direta com o crack. Pela vulnerabilidade a que estão expostos, esses jovens terminaram virando as maiores vítimas da droga. Muitos estão aprisionados no vício. Quem não está usando está vendendo. Ou usando e vendendo. Uma relação que, no caso da pedra, costuma ser fatal.

Os meninos cresceram justamente na década em que o consumo do crack explodiu no Nordeste. Cresceram numa das cidades pernambucanas onde o tráfico ganhou mais ramificações. Polo de desenvolvimento e com localização estratégica, Caruaru, no Agreste do Estado e a 140 quilômetros do Recife, virou uma mina de ouro para a venda da droga. Cresceram no Morro do Bom Jesus, onde o acesso é feito por escadarias estreitas. Assim como ocorre no Rio de Janeiro, a geografia é aliada do tráfico. Os vendedores ficam no alto ou nas ruelas, esperando apenas o cliente chegar. Em 2011, o Morro do Bom Jesus, na periferia da cidade, foi alvo de uma ação pacificadora, comandada pela Secretaria de Defesa Social. Antes território proibido para a circulação de turistas, a área ganhou a presença permanente de policiais. Mas moradores e jovens ouvidos nesta reportagem foram unânimes em afirmar: a aparente sensação de segurança não conseguiu nocautear o tráfico. No dia a dia, a pedra continua sendo vendida nas escadarias e ruelas e fazendo os mesmos estragos de antes.

Hoje, não se sabe exatamente quantos eles são. Estima-se que já somem um milhão de usuários no País. Em Pernambuco, os números também são imprecisos. Mas o secretário estadual de Defesa Social, Wilson Damázio, é categórico ao afirmar que o crack se transformou no grande inimigo da segurança pública. "Porque é a ponta de lança de condutas criminosas. É um comércio ilegal que não adianta combater só no varejo. A repressão eficaz requer ações de inteligência qualificada e monitoramento das fronteiras do País." A experiência do próprio secretário ajuda a dimensionar o tamanho que o problema atingiu na última década. Em 2004, quando era superintendente da Polícia Federal no Estado, Damázio tinha como prioridade o combate à maconha. Após passar anos em Brasília, voltou em 2010 para assumir o comando da Defesa Social e já encontrou o crack como o principal alvo da polícia em relação à repressão ao tráfico.

Do ponto de vista do usuário, a dificuldade não é só enfrentar os efeitos nocivos da droga. A complexidade maior é fazer isso considerando o perfil da maioria dos dependentes que precisam do serviço público para superar o vício. "A pessoa não chega só com o problema do crack. Ela vem com uma demanda social muito grande. Com histórico de violência, baixa escolaridade e desajuste familiar", pontua o psicólogo Rafael West, coordenador-geral do Programa Atitude, criado há quase dois anos pelo governo do Estado para ajudar no enfrentamento do problema. A descrição feita pelo psicólogo é o retrato duro da realidade dos meninos que passaram pelo Comviva e foram tragados pelo vício. Não é só a droga, mas o somatório de uma vida inteira de ausências.

C.R.S., 22 anos, tem dificuldade de olhar nos olhos. Não é só uma questão de timidez. É o desejo de fugir da própria história. Quanto menos ele lembrar, mais fácil de esquecer. "Eu estou vivo porque Deus quer." O garoto que hoje ganha a vida lavando um carro ou outro nas ruas do Centro de Caruaru quase morreu consumido pelas pedras. Era casado. A mulher não aguentou. Roubou de casa televisão, DVD, liquidificador. Trocou por crack os brinquedos comprados para os filhos. Fingia que ia dormir e depois carregava as coisas. Até não ter mais nada para levar. A mulher escondia o dinheiro no buraco do tijolo. Ele ia lá e achava. Conheceu a pedra depois que saiu do Comviva. De tudo que sente vergonha, a maior é de ter sido preso. "Aconteceram muitas coisas ruins na minha vida." Mas teve uma coisa boa, apesar de tudo. "Eu consegui me livrar da pedra." Essa decisão, ele diz, salvou a sua vida.

O dinheiro sumiu na pior hora

A invasão avassaladora do crack criou uma contradição nefasta. A droga com alto poder de destruição se expandiu justamente no momento em que a rede de assistência que atendia crianças e jovens em situação de risco estava mais fragilizada. Quando o desafio ficou ainda maior, o dinheiro sumiu. O crescimento econômico experimentado pelo Brasil na última década e a crise internacional que atingiu a Europa afastaram os bolsos generosos dos países de primeiro mundo que enxergavam aqui uma nação carente de ajuda. Depois que o País virou uma potência aos olhos do mundo, a generosidade estrangeira migrou de foco. Quem mais sofreu com o corte foram as organizações não governamentais que, até então, eram um dos principais desaguadouros dos repasses feitos por agências internacionais. Criado há 23 anos, o Centro de Educação Popular Comunidade Viva, o Comviva, sentiu na pele o peso dos novos tempos.

A instituição, que nasceu com o nome de Comunidade Menores de Rua, foi gestada, principalmente, com dinheiro estrangeiro. Foi fruto da iniciativa de uma alemã, ligada à Igreja Católica, que não se conformava em ver dezenas de crianças largadas nas ruas de Caruaru. Até 2006, os repasses vindos da Alemanha eram a principal fonte de financiamento da ONG. Hoje, os recursos estrangeiros só cobrem 20% dos custos da entidade. Para não fechar as portas e deixar centenas de crianças e jovens sem assistência, a instituição precisou correr atrás de verba pública. Foi o caminho encontrado pelo chamado terceiro setor para continuar vivo. As principais ações do Comviva atualmente são financiadas com recursos governamentais, conseguidos por meio de projetos aprovados em editais. Cerca de 400 jovens recebem atendimento na entidade.

> "É verdade. O Brasil cresceu. Mas o que sobrou para esses meninos?"

Mesmo o dinheiro que continua vindo de fora chega em outras condições. "Temos um contrato com uma instituição alemã que antes tinha validade de três anos. Agora ele precisa ser renovado todo ano, após avaliação dos resultados", explica Veronica Alves da Silva, uma das coordenadoras do Comviva. Ela diz que, em busca da sobrevivência, as instituições não governamentais viraram um braço do Estado. "Isso gerou uma crise de identidade. As ONGs perderam o papel de fiscalizadoras e viraram executoras de políticas públicas."

O mais grave, na avaliação da coordenadora, é a visão equivocada que se criou em torno do crescimento econômico vivido pelo Brasil nos últimos anos. "A riqueza aumentou, mas o déficit social, em áreas como educação, saúde e saneamento, é gigantesco. Negar essa realidade é fechar os olhos para milhares de crianças e jovens que ainda vivem na exclusão."

Ex-educador do Comviva, o professor Nerisvaldo Alves resume bem a visão estrangeira que hoje impera em relação ao Brasil. Em 2005, ele viajou para Alemanha e encontrou várias entidades interessadas em financiar projetos de assistência social. No ano passado, retornou ao país e a imagem tinha mudado completamente. "Agora, eles veem o Brasil como um país rico, uma grande potência, que não precisa mais do dinheiro de ninguém. É verdade, o Brasil cresceu, mas o que sobrou para esses meninos?"

Sim, eles valem a pena

O jornalista alemão Manuel Erbenich está no nascedouro desta reportagem especial. Em 2002, ele era um dos muitos estudantes de primeiro mundo cumprindo trabalho social voluntário num país de terceiro mundo. Passou um ano de sua vida na ONG Comunidade Menores de Rua, em Caruaru, entidade, na época, financiada quase 100% com dinheiro alemão. No ano passado, de volta ao Brasil, teve a curiosidade de procurar alguns meninos e meninas da instituição para saber o que, dez anos depois, havia acontecido em suas vidas. Descobriu que a maioria deles permanecia na mesma situação de exclusão de antes. Todos, exceto um. O relato emocionado de Manuel criou uma possibilidade que costuma ser rara no jornalismo. Fazer o caminho de volta. Neste texto, escrito especialmente para o **JC**, o jornalista conta o que sentiu no reencontro e por que, apesar de tudo, seu trabalho valeu a pena.

Manuel Erbenich
Especial para o JC

Futebol, samba, Copacabana, pobreza, fome, desmatamento da Amazônia. Aqui na Alemanha a imagem do maior país latino-americano é muito limitada. Seja em artigos de jornais, reportagens ou documentários de TV sobre o Brasil. Em qualquer matéria, você pode ter certeza de que vai encontrar um desses assuntos mencionados. As informações sobre o país são raras e redundantes. Essa imagem estava manifestada em minha mente quando viajei para o Brasil no ano de 2002 para realizar o meu serviço voluntário social. Passei o período de um ano trabalhando em uma ONG chamada Comunidade Menores de Rua, na cidade de Caruaru, no Agreste do Estado de Pernambuco. Durante esse ano, descobri que o Brasil é muito mais do que as informações e as notícias que nós recebemos na Europa e que formavam a minha ideia do País antes da minha partida. Mesmo assim, alguns dos preconceitos ou das informações divulgadas tornaram-se realidade. Quem trabalha com crianças de rua é inevitavelmente confrontado com a fome, a pobreza e também, pelo menos passivamente, com a violência.

Naquele tempo, cerca de 40 crianças, meninos e meninas, frequentaram regularmente a comunidade. As tarefas exercidas por mim eram a de acompanhá-los ao médico e ao dentista, mas eu ajudei também na cozinha, na padaria, vassouraria, dei aula de reforço e fiz trabalhos recreativos. Os 13 meses em que trabalhei na comunidade foram tempo suficiente para conhecer a "realidade de vida" e as histórias das crianças. Minha relação era muito boa com a grande maioria deles. Foi um ano de muito aprendizado, o qual deveria influenciar fortemente a minha gênese. Quando voltei para a Alemanha, iniciei minha vida acadêmica no curso de Ciências Regionais da América Latina e comecei a trabalhar como jornalista.

Dez anos depois, recebi uma bolsa da Fundação alemã Heinz-Kühn e voltei ao Nordeste do Brasil para documentar e escrever sobre a vida e a cultura sertaneja. Como parte da minha estadia, também fui procurar os meninos e meninas da ONG. Eu estava muito curioso por saber o que aconteceu com eles. A procura não foi muito difícil, um contato com um ex-colega foi o suficiente. Por sorte minha, ele mantinha contatos com alguns dos educandos (como se chamavam os meninos). A ajuda dele foi fundamental para que eu pudesse encontrá-los. Antes de partir para o Sertão, região onde passei três meses pesquisando, mantivemos contato e logo conseguimos marcar um encontro no Centro de Caruaru. Eu não sabia exatamente quem viria para esse reencontro.

No caminho ao local do encontro, minha alegria dá lugar a uma ligeira tensão. Inúmeras perguntas e centenas de lembranças circulavam em minha cabeça. Três das minhas ex-colegas de trabalho acompanharam-me. Pelos relatos que ouço delas, logo percebo que, inconscientemente, suplantei os destinos das crianças e simplesmente já tinha esquecido muitas das suas tristes histórias. Foi a única vez, durante toda a minha estadia no Brasil, que fiquei um pouco nervoso antes de uma entrevista.

De longe, vejo alguns rostos familiares, quando chegamos à Câmara Municipal no Centro de Caruaru. Vieram cinco meninas e um menino. Micilene, Rosilene, Maria Aparecida, Josicleide, Jaqueline Maria e E.M.S. Eles estão cercados por uma multidão de crianças. Todos tornaram-se pais nos últimos dez anos, o que não me surpreende. O que me impressiona é o número de filhos. Somando todos os ex-meninos de rua, entre os 21 e 25 anos, eles têm 14 meninos e meninas. As meninas estão todas maquiadas. Todos os filhos parecem bem cuidados, com roupas limpas e dentes saudáveis. No ar tem uma mistura de cheiro de creme de bebê e perfumes doces. A saudação é carinhosa. A minha primeira impressão é boa.

Mas nas primeiras entrevistas o meu bom humor fica perturbado. No começo de cada conversa, quase todas as meninas diziam-me que a situação de vida atual estava muito boa, que as vidas delas melhoraram, e que elas estavam felizes. Mas logo sinto que muitas estão mentindo. Pouco a pouco, elas descrevem a situação verdadeira, os seus destinos embaraçados, as suas vidas difíceis. Lágrimas correm e não demora muito até eu ficar sabendo que, na verdade, quase nada mudou. Fico sabendo que 95% dos ex-educandos não terminaram a escola, que alguns estão presos, outros viciados em crack, outros viraram traficantes ou assaltantes e que alguns dos meninos e uma menina já morreram. Embora a maioria tenha um emprego, o salário só dá para cobrir os gastos do mês e, às vezes, nem para isso. Nada mudou.

Os filhos dos ex-educandos estão na mesma situação e vivendo a mesma vida precária que os seus pais, há dez anos atrás, viveram em sua infância. Em cada uma das entrevistas, escuto e vejo o desespero deles. Falta de dinheiro, alimentos, ausência de educação, falta de perspectiva para uma vida digna.

É verdade que eu não esperava encontrar jovens acadêmicos, mas eu vim com uma certa esperança de que o meu trabalho e dos meus colegas na Comunidade Menores de Rua não houvesse sido à toa.

> "Pouco a pouco elas descrevem a situação verdadeira, os seus destinos embaraçados, as suas vidas difíceis."

Eu me pergunto: isso é o sucesso da Comunidade Menores de Rua? É esse o resultado de tantos anos de trabalho social e de trabalho de desenvolvimento? Fazem sentido projetos sociais como esses da comunidade em Caruaru?

Sim, eles fazem. Apesar do lamentável desenvolvimento das meninas, todas se lembraram com carinho do seu tempo na comunidade. Um projeto em que todas as crianças simplesmente podiam ser crianças, em que elas foram alfabetizadas e alimentadas. Receberam um acompanhamento médico e foram tratadas com dignidade. Para minha alegria, há exceções. Na verdade, é uma só exceção. No caso de E.M.S., ele mostra que esses projetos são úteis, que é possível quebrar o círculo vicioso e viver uma "vida normal". E.M.S. provavelmente não estaria lá onde ele está sem a comunidade. Como a entrevista com as meninas durou bastante tempo, eu resolvi encontrá-lo no dia seguinte para uma conversa mais profunda na feira de Caruaru.

E.M.S. fala sobre a sua vida difícil, o momento em que ele passou fome, a violência no Morro do Bom Jesus, onde ele passou a sua infância, e também me fala sobre os destinos das outras crianças da comunidade. Ouvir suas histórias e experiências vividas e, principalmente, saber dos destinos das outras crianças é tão assustador que sua luta por uma vida melhor soa como um conto de fadas.

E.M.S. fala também sobre o seu tempo no projeto: "Eu acho que a comunidade foi a base principal da minha vida". E continua: "Sem a comunidade, hoje eu não estaria aqui". Ele é o único menino que realmente agarrou a chance que o projeto ofereceu. Ele terminou a escola, tem um emprego de que gosta bastante e também conseguiu uma casa própria. O seu caminho e o seu desenvolvimento me fazem feliz e me trazem um pouco de alívio em relação aos destinos das meninas. E.M.S. tem sua teoria para explicar por que ele é o único que conseguiu sair do círculo vicioso: "Cada um tem que procurar o melhor. E aqueles que não procuram lá na frente não vão ter a quem procurar, temos que escolher o caminho certo para conseguir o que queremos. Nós temos duas oportunidades: escolher o caminho bom ou o caminho ruim. Eu prefiri o bom, e acho que é por isso que até hoje eu estou aqui, apesar de 38 ou 39 (dos 40) não terem conseguido".

Pelo menos um, mesmo que minha expectativa fosse mais. Nas semanas seguintes, fiquei lembrando do nosso reencontro. E hoje digo para mim mesmo: pelo menos um.

MANUEL ERBENICH passou um ano de sua vida, em 2002, como voluntário na ONG Comunidade Menores de Rua, em Caruaru. Nas fotos, alguns dos seus momentos com as crianças. Dez anos depois, de volta ao Brasil, alegria e frustração no reencontro

Um tesouro cheio de saudades

O combinado lá atrás era juntar o amontoado de sonhos e fazer dele um livro. Meninos e meninas escreveram suas histórias. Mas o combinado não vingou. Entrou para o imaginário, sem nunca ter virado realidade. Dez anos depois, *O livro dos sonhos* ganha vida e pode agora ser folheado, em 32 páginas de saudade

Pedaços de vida guardados por uma década. Sonhos depositados em pastas empoeiradas, adormecidos em folhas de papel avulsas. Promessas de crianças arquivadas na memória do computador. Remexer no baú das lembranças é viver tudo de novo. É recordar uma época em que o verbo imaginar tinha a força de uma vida inteira. O desejo de ser padeiro, a promessa de virar uma dançarina famosa. Queria-se tanto. Acreditava-se que tudo seria melhor: a ajuda à família, a casa própria, a formatura, a esperança de fazer medicina. Tempos confiantes em dias futuros mais felizes.

O combinado, lá atrás, em 2003, era juntar o amontoado de sonhos e fazer dele um livro. Cada um escreveu seu texto, contou sua história. Cada um chorou suas tristezas, desenhou suas pequenas alegrias. Uns desabafaram, outros prometeram ser diferentes em tudo. Mas o combinado não vingou. O livro entrou para a história do imaginário, sem nunca ter se transformado em realidade. Os sonhos ficaram esquecidos nos rabiscos de criança. Muitos garotos nem estão mais conosco. Outros tantos estão atrás das grades ou aprisionados no vício do crack. Nem tudo foi como se quis, como se imaginou. Mas, como muito bem definiram os próprios autores, "quando a gente escreve, revive os fatos, as coisas vividas".

Dez anos depois, a confiança e generosidade da equipe do Comviva fazem voltar o tempo. No esforço de reencontrar e recontar a vida dos meninos e meninas naqueles anos, fomos apresentados a fragmentos desse livro adormecido. Juntamos os pedaços, recuperamos as histórias, buscamos fotografias amareladas. Com um material tão rico em mãos, o projeto finalmente ganhou vida. Recebeu o nome de O livro dos sonhos Texto a texto, a publicação foi sendo montada e pode agora ser folheada, de forma virtual, no webdocumentário Pelo menos um produzido para a internet (especiais.ne10.uol.com.br/pelomenosum). Um pequeno tesouro para ser lido e descoberto, cheio de delicadezas e saudades.

O sentimento de esperança e as possibilidades vivenciadas naqueles anos contaminam todas as páginas e ficam evidentes logo na apresentação coletiva do livro, escrita pelos meninos na época.

"Tem sido um tempo maravilhoso, tivemos a oportunidade de nos encontrar várias vezes para conversar, discutir e planejar o nosso primeiro livro. Nele, como puderam ver, estão presentes nossas travessuras, nossas angústias, mas também nossas alegrias, nossos encontros e desencontros da vida. Mas não pense que estamos nos despedindo, ao contrário, é apenas o começo de uma longa amizade entre nós."

Lá atrás, quando os textos começaram a ser construídos, foram necessárias rodas de conversas, estratégias, dinâmicas de grupo para despertar nos meninos o gosto pela escrita. Uma aventura que eles nunca haviam experimentado. A iniciativa e o esforço deram certo e os garotos tomaram coragem para narrar suas próprias histórias. Em 32 páginas, O livro dos sonhosresgata não só os desejos e confidências dos meninos e meninas, mas alguns momentos importantes que marcaram a história da ONG, como o projeto da padaria, lembrado por todos os jovens, como os melhores anos vividos na entidade.

Nem todos puderam hoje reafirmar essa saudade. Mas deixaram esse sentimento documentado, eternizado nas linhas expressas lá atrás. É o caso de Daniel, assassinado em 2011. Era um dos mais entusiasmados na época em que os meninos alimentavam o sonho de ser padeiros. Suas palavras: "Se um dia eu tivesse a oportunidade de dirigir alguma coisa na minha história, eu iria lutar muito para ter um grande desempenho em qualquer cargo que eu conseguisse, desde entregador até gerente ou dono de uma padaria". Nesta página, os textos de Daniel, Mariclenes, Leandro e Gilberta são uma pequena mostra desse valioso achado. Boa leitura.

Sonhos e realidade andam juntos

Robert Love (Daniel, assassinado em 2011)

Eu, Daniel, queria um dia ser um padeiro, porque desde que eu entrei nesse curso de panificação, eu tinha e tenho um objetivo. Se um dia eu tivesse a oportunidade de dirigir alguma coisa na minha história, eu iria lutar muito pra ter um grande desempenho em qualquer cargo que eu conseguisse, desde entregador até gerente ou dono de uma padaria. Mas eu sei que para conseguir qualquer objetivo na minha história eu tenho que estudar muito e me dedicar bastante.

Meu objetivo é ajudar meus pais e viver sem maiores problemas com a sociedade. Fazer com que minha vida seja trabalho, estudo, vida, e nunca precise furtar, assaltar, mas sim trabalhar muito para dar conforto para minha família. Eu queria chegar em uma padaria que não fosse muito famosa, mas que eu tivesse um salário digno de um trabalhador para conseguir manter minha família bem, sem faltar nada e que meus filhos não precisem ir pra rua para se alimentar bem.

Escrever este livro é uma coisa que eu nunca esperava, nunca imaginei ver e ler coisas que eu e meus amigos escreveram ou falaram, coisas fantásticas. Histórias do cotidiano de cada um, histórias de vidas, planos para o futuro, dificuldades que viveram em sonhos e realidades ao mesmo tempo, adolescentes simples do subúrbio que têm ideias lindas e sonhos que podem ser realizados e que estão se realizando.

Sem os estudos você não é nada

Mariclenes

Meu sonho é ter uma vida boa, ter uma casa que não seja confortável, mas que dê para morar, que tenha espaço. Se eu tivesse uma condição de vida melhor, eu ajudaria aquela gente que precisa, eu dava roupa, lar e dava assistência médica para todos eles. É o meu sonho, mas como eu não tenho nada disso, eu também estou sendo ajudada. Mas eu tenho certeza que eu ainda posso mudar tudo isso, eu vou fazer de tudo para no futuro meu sonho se realizar e também estudar muito porque sem os estudos você não é nada.

Estou tentando participar mais na padaria. As meninas que faltavam perdiam as receitas. Um dia Gilberta me chamou para subir com ela, eu disse que não, porque eu não quero ser suspensa, porque eu quero aprender as coisas que tem para fazer, e daí ela foi suspensa e eu aprendi que para ser uma pessoa na vida tem que estudar muito, porque sem os estudos ninguém é nada na vida. A pessoa que não estuda está perdendo muito e eu aprendi que o mais importante de tudo é respeito no ambiente e respeito com as pessoas com quem nós convivemos.

O desejo de mudar

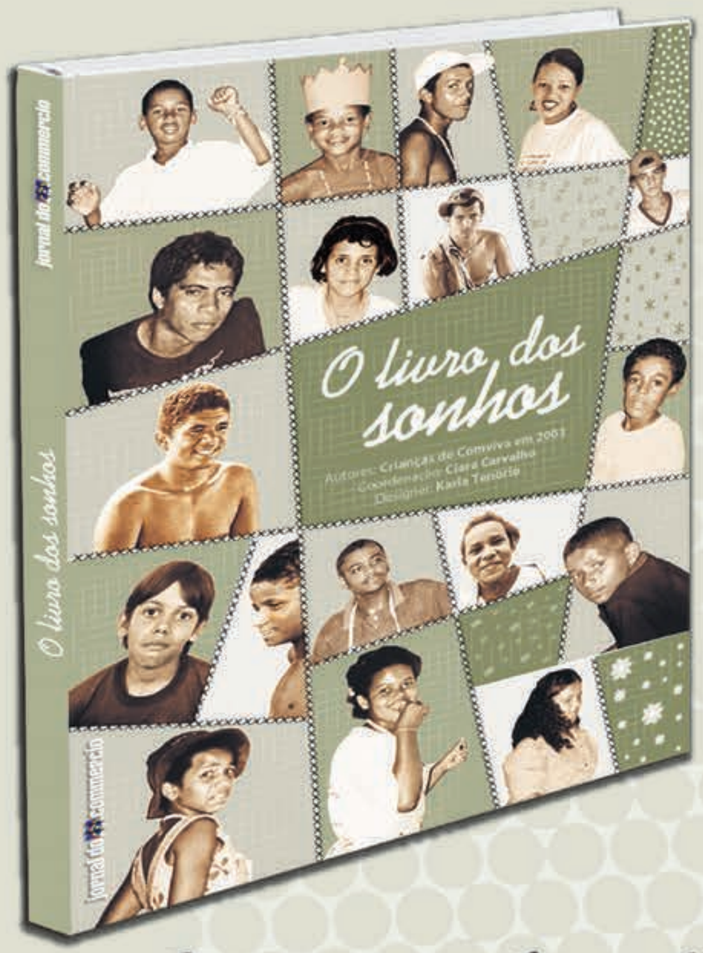
Reykon (Leandro)

Eu cometi um erro muito grande. Pra mim, a vida era fácil. Mas não, a vida é difícil. Entrou uma mulher na minha vida e ela me disse que tem um filho, mas eu não sei se o filho é meu. Aí eu mudei de comportamento.

Já me deram muitos conselhos, mas eu vou mudar. Eu sou um educando meio rebelde, sou uma pessoa, às vezes, sincera, uma pessoa que estuda e que frequenta a entidade. Meu sonho é ter uma profissão de padeiro, ser desenhista e fazer um curso de computação.

O momento mais importante da minha vida é quando estou participando da padaria, forneando e fazendo pão. Também gosto de participar dos grupos da comunidade, pensar em novas coisas.

Queria estar sempre junto com a minha mãe, por ela ter me criado desde pequeno. Depois, quando a gente se separou, tudo deu errado.



Nada de violência, tudo pelo amor!

Beta Gil (Gilberta)

Minha história começa em 1995 quando cheguei aqui no Comviva, que antes se chamava Comunidade de Menores de Rua. Daí por diante minha vida começou a ser vida, não era mais pedir esmolas na rua. Eu tinha três refeições e lá em casa minha mãe e meus irmãos só tinham uma por dia, eu ficava com minha barriga cheia, enquanto lá em casa todos estavam com a barriga seca.

Meu objetivo é melhorar o lugar onde moro, melhorar as coisas que faltam em casa, melhorar o bem estar da minha família e aprender um curso. Eu gosto muito daqui, porque eu quero ter uma profissão. Eu só queria ser dançarina. E depois que eu tivesse bem sabida ensinar as pessoas tudo que a vida fez comigo, ensinar o que eu aprendi.

Minha vida sempre foi sofrer, sempre foi muito triste, minha mãe deixou-se do meu pai, quando ela estava com dois meses de gravidez de mim, e até hoje os dois não voltaram. Quando minha mãe me teve, ficou sozinha, quando estava com 1 ano de idade, minha mãe teve de limpar esgoto e fossa, só não vendeu a carne dela para criar a gente. Depois, antes de eu nascer, minha mãe teve Beto que é o meu irmão, que agora ele tem 16 anos. Depois que ela teve ele, meu pai pediu para voltar, minha mãe aceitou, aí ela ficou grávida de mim, quando meu pai soube deixou ela e ela ficou só, sem ninguém para ajudá-la, teve de limpar fossa mesmo grávida de mim. Quando eu tava nascendo o doutor falou para ela que ela tinha que escolher uma das duas, porque eu estava sentada na barriga dela. Não sei quem ela escolheu, graças a Deus estou viva, mas na verdade preferia não está.

Mudou minha vida o dia em que vim para padaria, mudou tudo porque tinha dia que lá em casa não tinha nada para comer, mas com o pão, comemos pão com café. Eu não sabia o que tinha dentro de uma padaria e agora eu já sei. Não sabia fazer esfirra, não sabia o que fazer quando eu ganhava a bolsa e agora eu ajudo minha mãe, vou fazer minha festa de aniversário. Estou muito bem porque eu estou aprendendo um curso para no futuro ser uma padeira e ganhar meu dinheiro. Comprar minhas coisas e ajudar minha mãe a fazer compras.

Os filhos dos filhos

Eles são, a um só tempo, possibilidade e redenção. As promessas um dia ensaiadas pelos pais ganham aqui uma segunda chance. A geração seguinte será diferente. Precisa ser.

Eles nasceram todos na última década. Estão dando os primeiros passos na escola agora. Mas, como toda criança, gostam de brincar de adivinhar o futuro.

– O que você vai ser quando crescer?

– Professora, diz Márcia.

– Médica, responde Milene.

– Delegada, arrisca Soraya.

As três garotas têm 7 anos. São filhas de Aparecida, Micilene e Gilberta, as meninas-mães que aparecem nesta página ao lado de seus rebentos. Uma geração depois, são os filhos dos filhos que agora desafiam o amanhã. Esticam o fio da esperança. São, a um só tempo, possibilidade e redenção. As promessas um dia ensaiadas pelos pais ganham aqui uma nova chance. O arrependimento por não terem ido adiante se reveste de certezas. Com eles vai ser diferente. Tem que ser. Eles vão estudar, estudar e estudar. E lá na frente ter um emprego, formar uma família. Como um mantra de salvação, é o que todos repetem, é no que precisam acreditar. Pais, mães e filhos.

O desejo é um só. Ver as crianças conseguirem a façanha que a maioria não alcançou: terminar os estudos.

– Eu tive chance, mas não soube aproveitar. Agora o que eu puder fazer para eles irem até o final eu vou fazer.

A determinação de Maria Aparecida da Silva, 24 anos, esbarra, esse é o problema, na difícil realidade da escola pública. Nem tudo, ela sabe bem, depende da vontade dos pais. Este ano, os filhos de Aparecida começaram a estudar com quase dois meses de atraso. Fazer a matrícula, ela fez. Levar no dia marcado para começar as aulas, ela levou. Mas quando chegava lá, a escola ainda estava em construção, faltando professor, faltando banca. Não tem isso, não tem aquilo. As filhas não paravam de perguntar, ansiosas. Não viam a hora de poder ir para a escola.

– Quando a gente vai começar a estudar?

– O colégio não está pronto. Tem que esperar.

As aulas só foram ter início no dia 25 de março. Aparecida acredita que as filhas vão se prejudicar. Mesmo com a pouca idade, ela sabe que vai ser preciso acelerar o conteúdo para compensar o tempo perdido. "Isso é errado. Não tem como, elas vão se atrasar."

Josicleide Maria da Silva, 21, irmã de Aparecida e mãe de Caroline, 6, Daniel, 4, e Danilo, 3, é ainda mais pessimista. Ela quer muito que os três filhos estudem, se formem, sejam alguém na vida. Mas desconfia que a escola de hoje não esteja preparada para dar esse futuro a eles. Teme que as crianças enfrentem a mesma dura realidade que ela vivenciou nos tempos de estudante. Josicleide não conseguiu ir muito adiante. Parou na 8ª série. Parou por causa dos filhos, é verdade. Mas não guarda boas recordações do ambiente escolar. Era briga todo dia. Faca. Drogas. Uma banca quase ia pegando na cabeça de Caroline. Na época, levava a filha pequena para a escola, por não ter com quem deixá-la em casa.

– Tudo de errado que eu vi no mundo eu vi primeiro na escola. Até com arma os meninos entravam. Os professores choravam de tanto desgosto. Eu quero que meus filhos estudem, mas o colégio precisa prestar. Ensinar coisas boas. Não ser uma escola do tráfico.

Só botar no colégio não resolve, ela tem certeza disso. Tem que acompanhar lá dentro, exigir ensino de qualidade. Cobranças, que, na dureza do dia a dia, nem sempre são fáceis de fazer. Maria Gilberta dos Santos, 25 anos, chegou a pensar em tirar as duas filhas da escola este ano simplesmente por não ter quem leve as crianças para o colégio todos os dias. Presa a uma cadeira de rodas, ela paga R$ 50 para uma vizinha fazer essa tarefa. Nem sempre tem o dinheiro. Nem sempre a vizinha pode. Não é raro, as meninas faltam aula. Sayonara, 4, ainda está na creche. Menos mal, Gilberta ameniza. Mas Soraya, 7, já está no 2º ano. E tem enfrentado dificuldades para dar conta do que a escola ensina.

– Ela tem bom comportamento, mas é dispersa. Tem dificuldades para ler e resolver as questões colocadas na sala.

O alerta da professora de Sayonara, Iranilda Silva Martins Sá, não consegue ir muito além dos muros da escola. Ela já tentou conversar sobre o problema da menina com a avó, a mãe de Gilberta. Mas ouviu que a criança em casa é assim mesmo, distraída e preguiçosa. Gilberta conta que a filha tem até melhorado, se dedicado mais na hora de fazer o dever de casa. Sayonara quer um Playstation 2 de presente de final de ano. A mãe diz que só dá se ela se esforçar na escola.

– E vai fazer como para comprar?

– Ah, sei lá. Deixa ela melhorar primeiro, depois eu dou um jeito.

Gilberta cuida das duas filhas sozinha. Assim como ela, todas as mães entrevistadas neste especial enfrentam a mesma ausência. Criar, para essas mulheres, é verbo que se conjuga no singular. O pai nunca está perto. Para muitas crianças, ele sequer existe. Como se voltasse no tempo, Micilene Martins da Silva, 23, repete a história da mãe, que educou cinco filhos, enquanto o marido revezava-se entre a cadeia e a boemia. Assim como fez a matriarca, Micilene diz que não vai permitir que os filhos abandonem a escola antes de se formarem. "Não é só terminar os estudos. Eles precisam ir mais além. É não se encher de filhos, não se envolver com gente errada, não repetir os erros que cometi."

Exemplo maior do poder transformador da educação, E.M.S., 23, é a única voz masculina nesse universo exclusivo de meninas-mães. Sua única filha acabou de completar 2 anos. Por causa da idade, ainda não está na escola. A maior preocupação do jovem é que ela não precise fazer a mesma escolha a que ele se viu obrigado a enfrentar, quando largou o emprego para terminar o ensino médio.

- Pedir a Deus que nos dê condições para que ela tenha só uma opção: estudar. Trabalhar nem tão cedo. Que ela possa estudar, se qualificar para o mercado de trabalho, para que mais à frente possa ter um bom emprego.

O cuidado com o futuro da nova geração tem gerado frutos. Está fazendo com que os pais resolvam reescrever sua própria história. Aparecida aproveitou o embalo dos filhos e também se matriculou na escola. Estava grávida de quatro meses quando se inscreveu. Comprou caderno, lápis e borracha. Esperou as aulas começarem. Demorou tanto que agora ficou para depois. Primeiro tem que cuidar do resguardo de Davi, que nasceu no mês passado. Mas garante que não vai desistir de voltar a estudar.

– Eu quero terminar os meus estudos. Não vou passar o resto da vida na cozinha dos outros. Porque isso é a pior coisa do mundo.

Não quer mais essa sina para ela nem para os filhos.

APARECIDA (1), mãe de Ruan (2), de Mikaele (3) e de Márcia (4), Daniel (5) e Caroline (6), filhos de Josicleide.
MICILENE (7), mãe de Alisson (8), de Mirele (9), de Jadiel (10) e de Milene (11).
GILBERTA (12), mãe de Soraya (13)